



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DO PANTANAL**

JÉSSICA CANAVARRO OLIVEIRA

**ESPECIALIDADES FRONTEIRIÇAS E PRÁTICAS SOLIDÁRIAS:
BOLIVIANAS EM RELAÇÕES DE VIZINHANÇA E DE COMÉRCIO EM
CORUMBÁ, MS.**

**CORUMBÁ – MS
2019**

JÉSSICA CANAVARRO OLIVEIRA

**ESPACIALIDADES FRONTEIRIÇAS E PRÁTICAS SOLIDÁRIAS:
BOLIVIANAS EM RELAÇÕES DE VIZINHANÇA E DE COMÉRCIO EM
CORUMBÁ, MS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Ocupação e Identidade Fronteiriças

Orientador: Prof. Dr. Milton Augusto P. Mariani

**Corumbá – MS
2019**

JÉSSICA CANAVARRO OLIVEIRA

**ESPACIALIDADES FRONTEIRIÇAS E PRÁTICAS SOLIDÁRIAS:
BOLIVIANAS EM RELAÇÕES DE VIZINHANÇA E DE COMÉRCIO EM
CORUMBÁ, MS.**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em
Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Campus do Pantanal, como requisito parcial para obtenção do título de
Mestre.**

Aprovado em ____/____/____, com Conceito _____.

BANCA EXAMINADORA

**Orientador: Prof. Dr. Milton Augusto P. Mariani
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)**

**1º avaliador: Prof. Dr. Carlo Henrique Golin
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)**

**2ª avaliadora: Profª Drª Beatriz Rosália Gomes Xavier Flandoli
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)**

**Suplente: Prof. Dr. Carlos Martins Júnior
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)**

Dedico a Marco e Francisco

AGRADECIMENTOS

Grata a vida pela oportunidade de crescimento profissional, pessoal e espiritual que este trabalho me despertou.

Agradeço a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, instituição pública, gratuita e que abriu imensas portas para minha própria fronteira.

Agradeço ao meu esposo, meu amor Marco, para todos os momentos, de lucidez e não.

Agradeço a força da maior revolução da minha vida, materializada na minha criança, Francisco. Fruto da minha maior e mais intensa experiência de vida, agradecida demais pela sua escolha, meu menino, este trabalho e meu estudo também é por você.

Grata imensamente aos meus pais, minha mamãe Pedroza, minha parceira de vida, meu amor. Dona das mais belas e fortes palavras e que, com toda simplicidade da vida bordou minha existência. Muita dedicação e esforço, pairando grandes desafios moldam o resultado da minha existência. Obrigada pelos seus braços, mãe.

Meu querido pai, Silvio, não foram viagens de bicicleta ao centro para estudar, nem a falta de algo que julgávamos importante que nos fez esmorecer. Obrigada pela sempre insistência em nós e a oportunidade que nos foi dada de estudar, embora negada e você. Obrigada, pai, não foi em vão. Este resultado é para o senhor também.

Para os meus irmãos e “tus” Jé, Helton e Lucas. Meus companheiros de vida.

Para minhas caras mulheres imigrantes, sem vocês nada aqui faria sentido. Pelo tempo cedido, pelas respostas despertando de forma mútua sentimentos turbilhonantes. Pelas falas corajosas, assim como a trajetória de vida. Em especial D.J., por abrir tamanha intimidade do coração e da vida a minha pesquisa. Impactada pelas suas trajetórias de vida. À minha colega de profissão, Sônia, pela parceria nas apresentações das mulheres imigrantes que nutrem redes solidárias entre si. Sororidade implacável.

Obrigada aos meus professores e colegas do mestrado, especialmente a Joanna, pela paciência e disposição nos auxílios com o Iramuteq. Grata, colegas, pelas palavras de conforto e ajuda compartilhados na produção do conhecimento científico através das dissertações por este mestrado defendidas. Mas, acima de tudo, pela humanidade ao falarmos sobre seres humanos e suas fronteiras.

Ao meu orientador querido, professor Doutor Milton Mariani. Paciente e prestativo, inspirador e motivado. Minha eterna gratidão.

À banca avaliadora, composta pela professora Dra Beatriz Rosália Xavier Flandoli e o prof. Dr Carlo Golin, pelas excelentes contribuições ao longo dessa jornada.

OLIVEIRA, Jéssica Canavarro. ESPACIALIDADES FRONTEIRIÇAS E PRÁTICAS SOLIDÁRIAS: BOLIVIANAS EM RELAÇÕES DE VIZINHANÇA E DE COMÉRCIO EM CORUMBÁ, MS. 87 p. 2019. Dissertação de Mestrado (Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu Em Nível de Mestrado em Estudos Fronteiriços, Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul – Campus do Pantanal, Corumbá, MS).

RESUMO

Esta Dissertação é fruto de inquietações trazidas a partir de pesquisas desenvolvidas no Bairro Popular Nova, em Corumbá, MS, nos anos de 2013 e 2014. Trata-se de um aprofundamento a respeito da presença de mulheres imigrantes, de origem boliviana, à frente das atividades de comércio naquele Bairro. Dentre as características desse bairro está a presença de imigrantes dessa nacionalidade desde sua formação em finais dos anos 1960. Por ser um importante espaço de articulação entre o centro da cidade e seus bairros da parte alta, o Popular Nova ganha em dinamismo a partir do estabelecimento de lojas comerciais, notadamente conduzidos por bolivianos, e entre eles as marcantes presenças de bolivianas. Buscamos compreender as formas como ocorreram suas trajetórias migratórias internas na Bolívia até a chegada à fronteira em estudo, as formas de sociabilidade, construção de redes de solidariedade, formas como percebem a fronteira em que vivem e as dificuldades ligadas à sobrevivência. Foram realizadas 7 entrevistas no período de maio de 2018 a abril de 2019. As entrevistadas foram selecionadas de acordo com os seguintes critérios: sexo feminino, nacionalidade boliviana, comerciantes no Bairro popular Nova, maior de idade e moradoras no mesmo Bairro, com uma exceção, sendo uma imigrante pendular. Os resultados obtidos foram: inserção da temática feminização nas propostas de Ação do Circuito imigrante; realização coletiva da homenagem às Mulheres Imigrantes Empreendedoras em Corumbá, também através do Circuito; criação do GT Mulher, no mesmo coletivo.

Palavras-chave: Fronteira, Imigrantes femininas, Redes de Solidariedade, Dinâmicas Laborais, Circuito Imigrante.

OLIVEIRA, Jéssica Canavarro. ESPACIALIDADES FRONTEIRIÇAS E PRÁTICAS SOLIDÁRIAS: BOLIVIANAS EM RELAÇÕES DE VIZINHANÇA E DE COMÉRCIO EM CORUMBÁ, MS. 87 p. 2019. Dissertação de Mestrado (Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu Em Nível de Mestrado em Estudos Fronteiriços, Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul – Campus do Pantanal, Corumbá, MS).

RESUMEN

Esta disertación es el resultado de inquietudes provocadas por investigaciones realizadas en Bairro Popular Nova, Corumbá, MS, en 2013 y 2014. Es una profundización de la presencia de mujeres inmigrantes de origen boliviano, por delante de actividades comerciales en ese barrio. Entre las características de este barrio se encuentra la presencia de inmigrantes de esta nacionalidad desde su formación a fines de la década de 1960. Debido a que es un espacio importante para la articulación entre el centro de la ciudad y sus barrios residenciales, Popular Nova gana dinamismo desde el establecimiento de tiendas comerciales, en particular dirigidas por bolivianos, y entre ellas la sorprendente presencia de bolivianas. Buscamos comprender las formas en que ocurrieron sus trayectorias migratorias internas en Bolivia hasta que llegaron a la frontera en estudio, las formas de sociabilidad, la construcción de redes de solidaridad, las formas en que perciben la frontera en que viven y las dificultades asociadas con la supervivencia. Se realizaron siete entrevistas desde mayo de 2018 hasta abril de 2019. Los entrevistados fueron seleccionados de acuerdo con los siguientes criterios: mujer, nacionalidad boliviana, comerciantes en el popular Nuevo Barrio, personas mayores y residentes en el mismo Barrio, con una excepción, una inmigrante pendular. Los resultados obtenidos fueron: inserción del tema de feminización en las propuestas de Acción del Circuito Inmigrante; Homenaje colectivo a las Mujeres Inmigrantes Emprendedores en Corumbá, también a través del Circuito; Creación de GT Mulher, en el mismo colectivo.

Palabras clave: Frontera, Mujeres inmigrantes, Redes de solidaridad, Dinámica laboral, Circuito de Inmigrantes.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 – Vista de rua do Bairro Popular Nova.

Imagem 02 – Uma das ruas do Bairro Popular Nova com concentração de comerciantes oriundos da Bolívia.

Imagem 03 - Nuvem 1 – Origens das Imigrantes

Imagem 04 - Nuvem 2 – Trajetória das Imigrantes

Imagem 05 - Nuvem 3 – Dificuldades no espaço de destino.

Imagem 06 - Nuvem 4 – Relações de vizinhança.

Imagem 07 - Nuvem 5 – Percepção da fronteira

Imagem 08 – Convite em formato digital para a realização da **II Ação ao Imigrante**.

Imagem 09 – Mesa-redonda integrante da programação da **II Ação ao Imigrante**

Imagem 10 – Mulheres imigrantes homenageadas, mulheres que entregaram as homenagens e alguns membros do Circuito Imigrante.

Imagem 11 – Logo do Circuito Imigrante, a partir de fevereiro de 2019

Imagem 12 – Parte da equipe executora da **Feira do Imigrante**

Imagem 13 – Panfletagem na esquina das ruas Frei Mariano e Dom Aquino

Imagem 14 – Apresentação musical Moinho Cultural

Imagem 15 – Apresentação do Corpo de Dança do Moinho Cultural

Imagem 16 – Apresentação da Cia Maria Mole

Imagem 17 – Depoimento de Antar Mohammed

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGENFA – Agência Fazendária de Mato Grosso do Sul

Albergue – Casa de Passagem José Lins

CAIC - Escola Municipal Padre Ernesto Sassida

CBB – Centro Boliviano-Brasileiro 30 de Marzo

Cidadania Imigrante - Núcleo de Estudos de Trabalho e Cidadania de Imigrantes em Fronteira

Circuito – Circuito de Apoio ao Imigrante/Circuito Imigrante

CNIg - Conselho Nacional de Imigração

COMAIRA – Comitê Municipal de Atenção ao Imigrante, Refugiado e Apátrida de Corumbá, MS.

LEF – Laboratório de Estudos Fronteiriços

MEF – Mestrado em Estudos Fronteiriços CPAN/UFMS

MPE – Ministério Público Estadual de Mato Grosso do Sul

MPF – Ministério Público Federal

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

ONU – Nações Unidas

PF – Polícia Federal

PMC – Prefeitura Municipal de Corumbá, MS

PMH – Pastoral da Mobilidade Humana

PTCM – Posto Terrestre de Controle Migratório da Polícia Federal em Corumbá, MS

RFB – Receita Federal do Brasil

SMAS – Secretaria Municipal de Assistência Social de Corumbá, MS

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
CAPÍTULO 1	15
FEMINIZAÇÃO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS EM FRONTEIRA	
1.1. Feminização das migrações internacionais.	15
1.2. Imigrantes bolivianas em Corumbá, MS.	20
CAPÍTULO 2	29
HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS PRESERVADAS	
2.1. Procedimentos Metodológicos: desafios e perspectivas.	29
2.2. Qualificações do espaço pesquisado.	31
2.3. Análise de entrevistas: o uso da ferramenta Iramuteq.	35
2.3.1. Origens e destino: família, trabalho e estabilidades no processo migratório.	37
CAPÍTULO 3	48
AÇÕES E INTERSECÇÕES SETORIAIS JUNTO ÀS IMIGRANTES BOLIVIANAS EM CORUMBÁ, MS.	
3.1. COMARIA e Circuito: Perspectivas e demandas de imigrantes em fronteira.	48
3.2. Ações do Circuito.	54
3.2.1. O Circuito e a Feminização das migrações internacionais: desafios nas ações e reestruturações.	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	69

APRESENTAÇÃO

Esta Dissertação é decorrente da execução de projeto PIBIC/CNPq, no âmbito do Campus do Pantanal, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no período de 2013/2014, sob a orientação do professor doutor Marco Aurélio Machado de Oliveira (OLIVEIRA; SOUZA, 2014). O trabalho intitulado **Implicações Fronteiriças nas Práticas Comerciais e Sociais de Comerciantes Lojistas de Roupas em Corumbá-MS**, tinha como proposta analisarmos as relações de vizinhança, comerciais e sociais de imigrantes bolivianos, pequenos comerciantes varejistas, no Bairro Popular Nova, em Corumbá, MS. No correr desse estudo pudemos verificar que aquele Bairro é importante, também, pelo motivo de conter um número relevante de imigrantes bolivianos, notadamente comerciantes microempresários, instalados, grande parte das vezes, em pequenas garagens alugadas ou nas casas que residem e também trabalham. Nesses locais são comercializados diversos produtos entre alimentos industrializados, frutas e verduras, materiais de limpeza e roupas, como principais produtos oferecidos (SOUZA; OLIVEIRA, 2014). Foi possível notar que esses comerciantes constituíram famílias, inclusive com filhos brasileiros, construíram círculos de amizade e compreendiam bem as relações de poder, ordem, fiscalização e repressão estipuladas no Brasil.

Notadamente, naquela pesquisa, foi possível observar o número relevante de mulheres à frente dos comércios, manuseando moeda, organizando a mercadoria, atendendo os consumidores, além do cuidado com a família e seus círculos de sociabilidades naquele local. Isso não foi explorado pelo trabalho anterior por não ser o objetivo daquele estudo. Porém, ficou muito evidente que essas mulheres possuem conectividades, principalmente, pelos laços familiares e de amizade, além de vizinhança. Chamou-nos muito a atenção a relação delas com o crédito e a predominância delas na chefia dos negócios e do lar. Neste aspecto já fora constatada em pesquisa a importância das mulheres frente à chefia das famílias como uma das mais importantes observações para estudos de migrações ligadas à questão de sua feminização (PERES; SOUCHAUD; BAENINGER, 2008). E foi este aspecto que nos provocou a construir um projeto de pesquisa que trabalhasse de

forma mais profunda a questão feminina no processo migratório internacional. Desta vez sob a orientação do professor Doutor Milton Mariani.

O objetivo desta pesquisa é: Analisar as relações estabelecidas pelas práticas solidárias de bolivianas lojistas no bairro Popular Nova, em Corumbá, MS, como as de vizinhança e a existência de redes. Para tentar dar conta dessa proposta, foi necessário realizar reflexões a respeito de procedimentos metodológicos que nos permitissem mergulhar na realidade daquele espaço. O fato de não haver estudos sobre aquele bairro, tampouco sobre as comerciantes imigrantes e as formas como construíram suas redes de solidariedade nos impôs uma série de desafios. O primeiro, relacionado a certo ineditismo, nos obrigou a construir algumas adaptações a procedimentos metodológicos consagrados, como a História Oral, por exemplo. O segundo, com a aplicação de instrumentais como o Iramuteq, nos levou a resultados impensados quando do processo de seleção neste Mestrado. Ou seja, as novidades e revisões metodológicas marcaram esta pesquisa do início até sua conclusão.

O Bairro Popular Nova localiza-se na chamada “parte alta” de Corumbá, e cumpre função de conexão e ligação entre a parte central da cidade, incluindo seus bairros adjacentes e a vizinha Ladário, e os bairros localizados ao sul da cidade, como a Nova Corumbá, por exemplo. Além do grande fluxo de pessoas, há diversas lojas de variedades a preços populares, salões de beleza, igrejas, pequenos restaurantes, borracharia, residências, e órgãos públicos como escolas e o DETRAN/MS. Um local privilegiado para estudos sobre mobilidade urbana e sociabilidades advindas do comércio. Podemos perceber que este Bairro é um espaço onde idiomas, mercadorias, culturas e moedas, por um lado, transitam moldando uma dinâmica comercial e laboral, e, por outro, se fixa, construindo sociabilidades e vivências fronteiriças.

Desta forma surgiu o interesse em investigar com maior profundidade o papel dessas comerciantes imigrantes diante daquele palco de pesquisa. Desta maneira, havendo solidariedade, entender como se organizam, e se se constitui como uma rede que atende suas necessidades seja ela entre as empreendedoras bolivianas ou adicionadas as consumidoras brasileiras. Coube a nós refletirmos sobre os procedimentos que deveríamos adotar para situar essas imigrantes em um contexto histórico daquele Bairro. Ou seja, a espacialidade em que elas convivem, além da

fronteiriça, deveria ser situada nos ambientes mais acolhedores em que o imigrante possa se sentir: família e vizinhança. Entender a história do Bairro Popular Nova passou a ser encarado por nós como uma tarefa imprescindível para o desenvolvimento de nossos estudos.

É importante reconhecer a relevância da posição feminina enquanto protagonistas, desde a deflagração do processo migratório internacional, até o desenvolvimento de suas atividades junto ao comércio local. Isso por que, até bem pouco tempo, o imigrante era definido como homem, sendo desconsiderada a presença de mulheres no fluxo migratório, bem como os seus inerentes diferenciais, além dos impactos causados quando de suas circulações em espaços definidos, a princípio, como masculinos. Desta forma, estudos da feminização no contexto das imigrações são muito importantes, uma vez que a invisibilidade provocada pelo entendimento de que o fenômeno é essencialmente masculino desconsiderou o protagonismo feminino, considerado por alguns estudiosos como vital para a estabilização do processo migratório internacional (PERES; BAENINGER; SOUCHAUD, 2008).

Desta forma, compreender as trajetórias que elas percorreram até o estabelecimento naquele bairro, as formas como avaliam a fronteira em que vivem, as percepções sobre as vizinhanças, as maneiras como lidam com preconceito, são importantíssimos passos para os objetivos desta Dissertação. Portanto, trata-se de uma pesquisa qualitativa, que exigiu um mergulho na realidade em que elas estão imersas. Assim, descrever o cotidiano em que estão inseridas e as formas como elas entendem a realidades que as cerca, são mais importantes do que quantificá-las.

Destacamos entre os procedimentos metodológicos que adotamos a revisão bibliográfica. Ela foi encarada como instrumental vital para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que foi a partir desse procedimento que pudemos aprimorar, atualizar e verificar a aplicabilidade de conceitos de algumas categorias fundamentais nesta Dissertação como: fronteira, imigração, feminização e redes. Assim, autores como Sayad, Bourdieu e Foucher transitam nesta Dissertação com Oliveira e Mariani no sentido de dar coerência entre os conceitos e os estudos de caso. Buscamos demonstrar isso no correr dessa Dissertação, pontuando as necessidades que foram surgindo e impondo revisões, principalmente, conceituais.

Outro ponto importante nos procedimentos metodológicos foi a coleta de entrevistas não estruturadas, o que nos obrigou a obter conhecimentos mais profundos das histórias migratórias de mulheres bolivianas, bem como apurar as abordagens, seguindo a técnica de bola de neve, que foram acompanhadas de referenciais bibliográficos que nortearam seus procedimentos análise. O uso desse tipo de entrevista nos permitiu ganhar maiores confianças por parte de nossas entrevistadas, consentindo esse mergulho, essencial para obter os resultados esperados. A oralidade é um ponto muito relevante nesta Dissertação, pois através dela pudemos alcançar o que não é possível encontrar em registros documentais. Isso, ao mesmo tempo em que os estudos a respeito da importância das relações de vizinhança, advindos de Saranson, Hombrados-Mendieta, Gomes-Jacinto e Domingues-Fuentes, permitiram alargar a análise que fizemos sobre o conteúdo de cada fala.

As entrevistas foram submetidas ao IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), que consiste em um software gratuito e de livre acesso, que disponibiliza diferentes tipos de representação de análise de dados textuais, das quais utilizamos a nuvem de palavras que as agrupa e as organiza graficamente em função da sua frequência. Organizamos nos seguintes tópicos: Origens das Imigrantes; Trajetória das Imigrantes; Dificuldades no espaço de destino; Relações de vizinhança; e, Percepção da fronteira. Assim, foram realizadas 7 entrevistas no período de maio de 2018 a abril de 2019. As entrevistadas foram selecionadas de acordo com os seguintes critérios: sexo feminino, nacionalidade boliviana, comerciantes no Bairro popular Nova, maior de idade e moradoras no mesmo Bairro, com uma exceção, sendo uma imigrante pendular.

Esta Dissertação está dividida em três capítulos. No Capítulo 1 buscamos realizar um debate a respeito dos fluxos migratórios e da inserção da feminização como uma categoria bastante relevante nesses processos. Ainda, realizamos uma apresentação do local da pesquisa buscando enfatizar a relevância da questão migratória para a formação de seus traços fronteiriços. No Capítulo 2 trazemos resultados de uma pesquisa a respeito da história da presença migratória boliviana e da construção do Bairro Popular Nova. Neste mesmo capítulo, realizamos análise de entrevistas que foram realizadas. Trazemos, ainda, as representações gráficas em

formato de nuvens, produzidas a partir da utilização do Iramuteq. No Capítulo 3 trazemos um histórico do Circuito Imigrante, e dos novos desafios trazidos pelo intenso fluxo de haitianos naquela cidade a partir de fevereiro de 2018. As formas como o Circuito se organizou, as propostas que foram elaboradas e as ações e eventos promovidos por esse coletivo. Por fim, trazemos nossa proposta de ação, articulada ao Circuito e com perspectiva de incorporação ao seu calendário de eventos.

CAPÍTULO 1

FEMINIZAÇÃO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS EM FRONTEIRA

1.1. Feminização das migrações internacionais.

Em 2016 havia 244 milhões de migrantes internacionais ao redor do mundo, sendo 20 milhões de refugiados entre eles. Os dados do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas apontam para um crescimento de 41% em comparação ao levantamento realizado em 2000 (DESA, 2017). Outra importante informação trazida por aquele órgão indica que o percentual da população vivendo fora de seu local de origem subiu de 2,8% em 2000 para 3,3%, em 2015, demonstrando que a migração internacional cresceu mais que a população global. Em 2017, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) divulgou relatório no qual apontava que 68,5 milhões de pessoas se encontravam fora de seus lugares pelos seguintes motivos: perseguição política e/ou religiosa; conflitos armados; e, violência generalizada (ACNUR, 2018).

De acordo com aquele Relatório, a ACNUR chama a atenção para a presença feminina em todo o processo, seja em qual for a modalidade migratória: refúgio, emigração ou apátridas. Salaria que, em alguns casos, as mulheres e crianças são maioria, como no exemplo dos rohingyas em Mianmar, onde mais da metade são mulheres e meninas que buscam refúgio em Bangladesh com o agravante de serem apátridas (ACNUR, 2017). De forma subliminar, o Relatório aponta a fronteira como um dos espaços mais tensos em todo o processo migratório, pois esses grupos se deparam com os impasses de autorização de ingresso, intrínsecos ao seu movimento.

É necessário que reconheçamos as migrações internacionais no início do século XXI como sendo tema de urgência nas configurações políticas. Seja através

de discursos, práticas e intenções de governantes como Donald Trump e Jair Bolsonaro, que colocam os migrantes internacionais como responsáveis por diversos males que atingem as sociedades receptoras, seja pelo recém-criado **Pacto Global para a Migração Segura, Ordenada e Regular**, promovido pelas Nações Unidas (ONU) em 2018. Ou seja, há intenso confronto de propostas políticas para a questão migratória internacional na atualidade, uma vez que, por um lado, o presidente dos Estados Unidos, desde sua campanha eleitoral, tem defendido a construção de um muro no limite de seu país com o México e a deportação de milhões de estrangeiros irregulares, ao mesmo passo que no Brasil, mesmo com a aprovação e entrada em vigor da Lei 13.445/2017, o presidente eleito em 2018 afirma que os imigrantes devem incorporar as culturas do Brasil, sabendo cantar o hino nacional, por exemplo. Por outro lado, o Pacto Global, aprovado por 152 países, coloca a migração internacional em uma pauta humanitária, descriminalizada e acolhedora (UNITED NATIONS, 2018).

O mais reconhecido corpo conceitual sobre as motivações para as decisões de emigrar é a teoria *push and pull*, na qual as determinações para esses movimentos demográficos seriam as composições dos fatores econômicos, sociais e políticos que expulsariam as pessoas de seu lugar (SOARES, 2004). Diversos autores têm sido críticos a esta teoria, por considerá-la insuficiente para dar conta de explicar o processo migratório internacional. De Hass, por exemplo, sustenta que ela não consegue abarcar complexidades desse processo por tenderem a desprezar heterogeneidades e estratificações internas em cada sociedade (DE HASS, 2008). Desta forma, no correr desta Dissertação, abordaremos a complexidade da imigração a partir de diversos prismas e autores que nos conduzam a não cair em raciocínios deterministas, como a do *push and pull*.

Neste aspecto, é muito importante que recorramos a Sayad (1998) para compreender o imigrante enquanto categoria de estudo, uma vez que, comumente, esse sujeito é tratado como um “problema social” advindo de discursos impostos sobre ele. Para este autor, o imigrante é, permanentemente, verificado a partir de interligações de sua condição a outros problemas, como: moradia, emprego, vagas nas escolas, acesso à saúde e segurança pública (SAYAD, 1998). Ainda de acordo com Sayad, o “imigrante” difere do “estrangeiro” pelo fato de que o primeiro é uma condição social e o segundo é uma definição jurídica de um estatuto (SAYAD, 1998,

p. 243). É importante que a presença feminina nessas correntes migratórias seja estudada como forma de reconhecer o quão amplo e complexo é esse campo de estudo.

Diversos estudiosos das correntes migratórias internacionais têm buscado valorizar a presença feminina nesse movimento como personagem muito importante. Por um lado, salientam que em diversas sociedades o papel de provedor econômico das famílias recai sobre os homens, o que conduz ao raciocínio no qual a migração, tendo como fator central a questão laboral, colocaria a mulher em condição passiva em todo o processo (REYSOO, 2005). Por outro, destacam que ao incorporar a presença feminina às análises de fluxos migratórios, os estudos avançam no sentido de ampliar os entendimentos a respeito de família, trabalho, sociabilidades e construção e manutenção de redes (PERES, 2015). Marinucci (2007) aponta três importantes elementos que constituem o conceito de feminização das migrações, considerando: o aumento quantitativo de mulheres migrantes, a maior visibilidade das mulheres no contexto migratório e a transformação do perfil da mulher migrante. Para alguns autores, o que diferencia na atualidade é a maior visibilidade que elas possuem, sobretudo pelo protagonismo que elas exercem no processo, tanto no projeto migratório quanto na decisão familiar (CAVALCANTI; OLIVEIRA; TONHATI; 2015).

A presença de mulheres e crianças no processo migratório internacional as expõe a situações de risco e vulnerabilidades, como prostituição e abusos aos direitos humanos (YAMAMOTO; SILVA, 2018). Isso, ao mesmo tempo em que as mulheres chefiam os lares de mais de 20% grupos familiares de migrantes internacionais (IDEM). Ou seja, ao mesmo passo em que elas são alvo de práticas negativas, sob o aspecto dos direitos humanos, elas são responsáveis por vínculos familiares muito importantes para a garantia de sobrevivência dos grupos. E, devemos considerar esses aspectos como muito relevantes em nossos estudos sobre a presença feminina no curso migratório internacional, expondo, desta forma, a complexidade em que elas estão imersas.

Há um pensamento muito recorrente que sustenta o papel tradicional masculino nas correntes migratórias, que impede dar conta das migrações femininas. Desta forma, elas terminam por serem referenciadas ao homem, adulto,

trabalhador e com família; quando elas aparecem nos estudos sobre correntes migratórias internacionais é no sentido utilitário de reunificar a família (BENAVIDES, 2015). Assim, entendemos que seja relevante observar que a questão da feminização está diretamente relacionada à determinação de quem se movimenta, bem como as formas que ocorrem esses movimentos e, principalmente, quais os impactos nas famílias e mulheres migrantes (BOYD; GRIEC, 2003).

Destarte, é importante destacar que as mulheres têm papel protagonista em diversas manifestações de solidariedade em todo o processo migratório internacional. Exemplo disso é o caso das mulheres somalis que se juntam para contribuir com pequenas quantias de dinheiro, semanal ou mensal dependendo do nível da renda, para um mecanismo informal de segurança, conhecido como *ayuto* (carrossel). As contribuições duram alguns meses, até atingir uma determinada quantia, quando é dado ao membro em condição mais vulnerável para ajudá-la (BETTS; BLOOM; KAPLAN; OMATA, 2017).

De acordo com Boyd e Griec, existem estágios no processo migratório. O primeiro, que denominam como pré-migratório, inclui hierarquia familiar e os papéis desempenhados por homens e mulheres para a tomada de decisão de movimentar-se. O segundo, ligado às esferas internacionais, estabelece a fronteira como local de decisões muito importantes, pois se referem às políticas migratórias que os países de destino e origem possuem, vinculando-lhes às imagens estereotipadas de papéis laborais e potenciais em mercado de trabalho. Por fim, o estágio pós-migratório, quando tratam do impacto das mulheres nesses fluxos, avaliando o papel no mercado de trabalho receptor, o *status* na família e domicílio (BOYD; GRIEC, 2003).

De acordo com Pessar (2000), há relevantes intersecções entre a feminização da imigração, inserção laboral e estratégias ao longo do processo migratório. De acordo com essa autora, os estudos contemporâneos ampliaram as explicações sobre a migração, todavia, ao incorporar as mulheres ao sentido genérico de migrantes, não as explicitaram em suas análises. Benavides considera que a migração internacional responderia a: uma estratégia familiar para diminuir riscos; fatores estruturais determinantes no país receptor e determinada por estruturas econômicas do mercado mundial; ações fomentadas por redes de solidariedade que incluem laços de parentesco, amizade ou pertencimento a uma mesma comunidade,

sendo tais redes conectadas na origem e no destino (redes sociais) (BENAVIDES, 2015). No tocante às redes é importante salientar o quanto isso é relevante, uma vez que os processos migratórios, em sua imensa maioria estão articulados por esse meio de organizar as pessoas, incluindo os convites, convencimentos, decisões e receptividades (TRUZZI, 2008).

Neste sentido, analisar a presença migratória em fronteira é algo bastante desafiador, por conta, principalmente, das vivências ali estabelecidas e as formas como as sociedades que a compõem se estruturam para esse movimento. A fronteira é um espaço marcado pela internacionalização, seja no sentido mais estrito, uma vez que são, no mínimo, dois países que a delinham, seja no sentido mais amplo, uma vez que ali ocorrem importantes intersecções culturais e econômicas (FOUCHER, 1998). Além disso, é na fronteira que se efetiva qualquer projeto migratório internacional (OLIVEIRA, 2016), dando a ela, portanto, *status* muito relevante em todo o processo que analisamos nesta Dissertação. Isso porque, dentre outros aspectos, na fronteira os órgãos estatais têm potencializadas algumas de suas finalidades e funcionalidades como identificar, controlar, selecionar e restringir coisas e pessoas (KOIFMAN, 2012). Portanto, devemos observar, também, a fronteira em seu aspecto de instância deliberativa (OLIVEIRA; MARIANI; LOIO, 2018), naquilo que Jardim debate a respeito da força da lei ou de seus agentes e da “força retórica dos mapas” (JARDIM, 2017, p. 97), e pela lógica perversa que seleciona o “bom imigrante” (JARDIM, 2017, p. 206), a marcação central é a vigilância como meio de controle.

Estudar os fluxos migratórios em fronteira, em nosso entendimento, consiste no reconhecimento de que esse tipo de mobilidade é possível, também, através de uma espécie de apropriação do sentido simbólico que fronteira possui (OLIVEIRA; MARIANI; LOIO, 2018). Isso, ao mesmo tempo em que observamos variadas formas como as autoridades lidam com esse fluxo, principalmente, sob o aspecto jurídico, onde são forjadas expressões variadas como “imigrante ilegal”, nos Estados Unidos, “falsos requerentes de asilo”, em alguns países da Europa ou “refugiados africanos”, em Israel (ANTEBY-YEMINI, 2008). Portanto, em nome da segurança de uma nação, a fronteira passa a ser espaço de deliberações muito importantes, do ponto de vista administrativo com impacto nas formas como as sociedades desses lugares pensam e reagem a esse fenômeno.

A fronteira, neste aspecto, é palco de intensas e cotidianas negociações, tensões e decisões, principalmente no caso desse estudo, quando o assunto é movimento migratório, seja entre os países que a compõem, seja oriundos de outras nações. Diversos estudos destacam esse fenômeno como sendo dos mais amplos processos sociais, econômicos e políticos na atualidade (QUIROZ, 2014). Tal processo também ocorre no continente sul-americano e, da mesma maneira como ocorre com as fronteiras, impõe aos respectivos países e blocos (MERCOSUL e PACTO ANDINO) diferentes formas de regulamentá-lo (ARTOLA, 2014). A busca por ter controle sobre o processo migratório passou a ser pauta constante nas esferas mais elevadas das políticas das nações (OLIVEIRA; MARIANI; OLIVEIRA, 2017).

Como salienta Jacobson (1997), a imigração, invariavelmente, implica em riscos de declínios da cidadania, em seu sentido mais amplo. Isso torna a leitura sobre a questão fronteiriça e a condição laboral dessas imigrantes muito mais complexas e desafiadoras. Chatou (1996) salienta para os riscos que marroquinos, argelinos e tunisianos vivenciavam no processo migratório em direção à Europa, com perdas significativas de acesso à instrumentais de cidadania, principalmente, que lhes garanta independência no país de destino. Da mesma forma, Morán (2003) chama a atenção para jovens imigrantes, que ela denomina como “cidadãos em formação”, quanto à vulnerabilidade a que estão sujeitos no tocante às ambiguidades e contradições das cidadanias contemporâneas. Ambos os autores inserem a fronteira como espaço de muitas tensões quanto a este tema.

Não podemos deixar de mencionar a violência como uma das formas de tornar visível a presença feminina na migração internacional, exemplo disso está na fronteira México-Estados Unidos onde o cruzamento ilegal termina, por muitas vezes, de forma trágica (MARRONI; MENESES, 2006). Falamos da violência, tanto em nível estatal (MARRONI; MENESES, 2006), quanto em nível doméstico (GOMES, 2011).

1.2. Imigrantes bolivianas em Corumbá, MS.

Ladeada por três cidades, Puerto Quijarro e Puerto Suarez, do lado boliviano, e Ladário, do lado brasileiro, Corumbá é uma cidade que merece destaque, dentre outros motivos, por seu espaço geográfico e por sua trajetória histórica que deram a

ela a condição fronteiriça, tão destacada em nossos estudos (Imagem 01). Trataremos aqui desses dois aspectos para demonstrar as principais características que tornam essa fronteira palco muito relevante no processo migratório internacional no Brasil e no continente sul-americano.

Imagem 01 – Localização da fronteira em estudo.



Fonte: Google Earth, 2018.

Em influente texto, Michel Foucher (1998) tipifica a fronteira em aberta, semiaberta e fechada. Historicamente, a fronteira em estudo é caracterizada como aberta, seja pela força dos acordos com a Bolívia, seja pela vivência com os vizinhos, que, em muitos aspectos, sobrepõe-se às legislações e acordos internacionais. Exemplo disso está em alguns estudos no âmbito do Mestrado em Estudos Fronteiriços (MEF) que apontam para a presença de povos oriundos do atual território boliviano como algo bastante remoto naquela fronteira. Oliveira (2014) relata as formas como as coroas, lusa e espanhola, manipulavam, de acordo com seus interesses, a mão-de-obra dos povos chiquitanos após a expulsão dos jesuítas ocorrida em 1767. Tratava-se de um povo com qualificações laborais consideradas como muito importantes para aquela época, pois, trabalhavam com a pecuária, a agricultura e dominavam a língua espanhola.

Sua localização no centro do continente sul-americano, às margens do rio Paraguai, fez com que Corumbá visse sua economia ganhar fortes impulsos a partir do final da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Referimo-nos a um intenso fluxo

migratório internacional que, de acordo com pesquisas desenvolvidas pelo Laboratório de Estudos Fronteiriços (LEF), no período entre os anos 1880 e 1910 foram contabilizadas mais de vinte nacionalidades convivendo naquela cidade, acentuando seu crescimento a partir do comércio e dos fluxos migratórios (OLIVEIRA; JUNQUEIRA, 2016). Sobre as práticas comerciais, cabe salientar que esses migrantes, nacionais e internacionais, transformaram aquela cidade em um importante entreposto comercial para produtos que viam da Europa em direção à capital Cuiabá e ao centro do sul do antigo Mato Grosso (CORRÊA, 1985). Devemos considerar o fato de que era uma cidade que contava com, aproximadamente, seis mil habitantes e possuía nove representações consulares: Argentina, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Portugal, Espanha, Bélgica, Inglaterra e França (ALMANAK LAEMMERT, 1902).

Ainda no período que compreende o final do século XIX e início do XX, dois outros movimentos merecem destaque. O primeiro trata dos cativos que faziam uso dos limites internacionais como forma de garantir liberdade ao cruzar uma linha imaginária (MAIA, 2014), a famosa “pedra branca” que determinaria o fim de uma tentativa de resgate daqueles que conseguiam adentrar em território boliviano. O segundo está relacionado a formação de um assentamento rural localizado no limite entre ambos os países, do lado boliviano. Chamado de El Carmen de la Frontera, teria sido criado ao final do século XIX, de acordo com as tradições orais que seus moradores mantêm viva (SABATEL, 2013).

Machado (1998) distingue limites e fronteiras a partir do reconhecimento no qual os limites pertencem às esferas políticas e administrativas de cada nação envolvida, enquanto que fronteiras estão sob o domínio das populações que as compõem. Tal distinção aparece de forma muito clara seja na manipulação dos cativos, na construção de vivências por parte dos assentados ou nas relações estabelecidas a partir da prática comercial por parte de empreendedores internacionais.

Outro dado bastante relevante é a criação, em Corumbá, de locais de encontros, receptividade para os novos imigrantes, bem como de representações de suas tradições. Falamos da Sociedade Italiana di Instruzione Beneficenza Fratellanza (1892), da Sociedade Portuguesa de Beneficência 1º de Dezembro (1892) e

Sociedade Beneficência Otomana (1909). Posteriormente, outros grupos também criaram suas associações, como: Associação Paraguai, que teve duas fundações, a primeira em 1936, e a segunda, que perdura até os dias atuais, em 1975; Liga Árabe-Brasileira (1954); e, Centro Boliviano-Brasileiro 30 de Marzo (CBB) (1962).

Nestes espaços ocorriam e ocorrem articulações entre os imigrantes que merecem muito destaque: a formação e consolidação de redes de solidariedade (LOIO; MARINI; OLIVEIRA, 2017). A existência de redes entre os imigrantes tem sido objeto de diversos estudos que sinalizam a um encadeamento interpessoal que vai desde relações familiares até as que envolvem ilícitudes e aliciamento (MACHADO, 2005). Para Tilly (1990), as redes migratórias internacionais têm como efeito principal as unidades efetivas, que não são individuais nem domiciliares, mas, sim, conjuntos de ligações estabelecidas por vínculos de amizade, família e experiência laboral. São esses conjuntos que possibilitam a efetiva incorporação do país de destino como alternativa real. Desta forma, em se tratando de imigrantes, fazemos uso da expressão rede buscando enfatizar circunstâncias que levaram diversos deles a emigrar, muitas vezes através de informações quanto às perspectivas no país de destino (TRUZZI, 2008). É relevante nos movimentos migratórios que o contato com o país de destino implicaria em facilidades no seu deslocamento, e isso poderia ocorrer através de relações com parentes, amigos ou conhecidos que buscavam convencer o potencial emigrante a se deslocar (TRUZZI, 2008).

Os fluxos migratórios de bolivianos em direção àquela fronteira possuem origens ainda incertas. Contudo, é possível afirmar que ganhou forma e visibilidade a partir da fundação de Puerto Suarez (1875), às margens da Laguna Cáceres. Entendemos que esse seja um marco relevante por ter sido uma iniciativa pessoal de Suarez Aranda, contudo, com aval e estímulo governamental para a ocupação daquela fronteira, e alvo de intensas negociações comerciais, pecuárias e migratórias envolvendo ambos os países (BRIDIKHINA, 2015).

O fluxo desse grupo de imigrantes, em nosso entendimento, ganhou em intensidade a partir da Guerra do Chaco (1932-1935) e se acentuou no período de construção da ferrovia que liga Corumbá a Santa Cruz de la Sierra (1939-1954). Este empreendimento provocou o recrutamento de trabalhadores da região oriental

da Bolívia, especialmente, da chamada Chiquitania, envolvendo, diretamente, as cidades de Roboré e San José de Chiquitos (SILVA, 2009). Os níveis de interações entre suas populações fizeram desta fronteira palco de conectividades bastante intensas. Neste sentido, Silva (2009) assinala que a construção da ferrovia redefiniu os parâmetros sociais daquela fronteira. Salienta que aqueles imigrantes teriam chegado à região ou por seus ofícios naquela obra ou nas condições subalternas na dinâmica socioeconômica, como: domésticas, serventes, etc. Para aquele autor, os bolivianos passaram a exercer fortes e amplas influências, indo desde as questões laborais até as alimentares.

Foi durante o período que compreendeu as décadas de 1940 e 1950 que Corumbá experimentou uma de suas fases mais impressionantes, em seu aspecto econômico, com uma industrialização robusta e diversificada. Foram instaladas as seguintes indústrias: de mineração (Sobramil, em 1949), fiação (Fiação Mato-Grossense, em 1959) e alimentícia (Moinho Mato-Grossense, em 1952). O que chama a atenção é o fato de que esses conglomerados econômicos eram formados, majoritariamente, por imigrantes sírios e libaneses que haviam se instalado naquela cidade ao final do século XIX e início do XX (OLIVEIRA, 2001). Tratou-se de um grupo bastante capitalizado e que produziu sobre as mentalidades locais fortes saudosismos até a atualidade.

Ainda não é possível precisar o período em que os bolivianos oriundos do Altiplano migraram de maneira mais volumosa em direção à fronteira em estudo. Alguns estudiosos trabalham com os indícios de que esses movimentos estariam vinculados à inserção daquele país - de maneira semelhante, porém, menos vigorosa do que no Paraguai (ALBUQUERQUE, 2010) - nas redes de comércio internacional de produtos oriundos da Ásia, especialmente da China e do Japão. Esse processo teria seu início nos princípios dos anos 1980 (LOIO; MARINI; OLIVEIRA, 2017).

Na atualidade, aquela fronteira é palco de tripla tipificação da imigração de brasileiros e bolivianos e outras nacionalidades: os permanentes, que emigraram para o país vizinho ao seu, e lá se estabeleceram; os de passagem, que fazem uso da fronteira como uma instância deliberativa para seu ingresso; e os pendulares, que desenvolvem atividades empreendedoras, laborais ou estudantis no país vizinho,

retornando para seu país de origem rotineiramente (CORRÊA, 2016). Neste aspecto, Corumbá exerce papel central, uma vez que os movimentos pendulares estão estabelecidos naquela cidade em direção a todas as outras e em via dupla (OLIVEIRA; MARINI; LOIO, 2018). E, no que diz respeito a esta Dissertação, são os pendulares bolivianos que prevalecem naquela cidade, embora neste processo também façam parte os brasileiros, peruanos e colombianos, nigerianos, chilenos e argentinos que residem na Bolívia, além dos brasileiros, bolivianos e paraguaios, que vivem do lado brasileiro.

A presença de bolivianos em Corumbá pode ser entendida pela proximidade geográfica, contudo, devemos observar que o determinismo geográfico não deve imperar em nossas análises. Desta forma, as estreitas atividades econômicas que ali são desenvolvidas, em especial após a construção da Ferrovia, criaram traços que, ao longo da história da migração boliviana em direção àquela cidade, permitiram fluxos de intensidades variadas (PERES; SOUCHAUD; BAENINGER, 2008). Peres, Souchaud e Baeninger (2008) apresentam um perfil desta presença, que denota uma distribuição significativa nas áreas de fronteira e regiões metropolitanas. E, nesse aspecto, também, se destaca a cidade de Corumbá, que tem a segunda maior concentração de imigrantes bolivianos do país (5,4%), atrás apenas de São Paulo (37,9%).

Tal concentração levou à formação CBB, clube social que agregou e deu visibilidade perante a sociedade que os acolheu. No caso do CBB, este foi criado a partir de uma parcela de imigrantes bolivianos que era oriunda da região de Santa Cruz de la Sierra, e que tinha projeto social e político específico para eles. Em pesquisa desenvolvida no âmbito do LEF ficou evidente que o CBB tinha por missão o esforço de desconstruir a imagem generalista que a sociedade de Corumbá tinha sobre os bolivianos. Ou seja, estava tencionado em distanciar esse grupo composto de *cruceños* dos “colhas”. De acordo com essa pesquisa, esse movimento consistia, entre outros, no oferecimento de cursos que tinham por objetivo “[...] fomentar uma “terapia ocupacional” e o aprendizado de “uma atividade laboral”, na década de 1990” (LOIO; MARINI; OLIVEIRA, 2017). Dentre os cursos oferecidos o que mais nos chamou a atenção foi o de etiqueta social. Isto, principalmente, pelo poder de seu sentido simbólico, uma vez que traz em seu bojo a ideia de designação estereotipada, como forma de “classificar os indivíduos em agrupamentos

manipuláveis” (PAYNE, 1973). Desta forma, o oferecimento de curso de etiqueta social denota o esforço em enquadramentos, principalmente de jovens, aos moldes culturais e morais da sociedade receptora.

Em contraponto ao CBB, outra parcela dos imigrantes bolivianos em Corumbá, majoritariamente oriundos do Altiplano, conhecidos na cidade como “colhas” (LOIO, 2018), possui uma associação na qual suas reivindicações são expostas. Trata-se da Associação de Feirantes 2 de Mayo, que tem como missão tratar de assuntos inerentes à rotina laboral de feirantes naquela cidade (LOIO, 2018). Contudo, essa Associação está circunscrita a uma parcela específica da população boliviana que ali vive. Não há, por parte das comerciantes lojistas, formais ou não, nenhum espaço de deliberações e discussões a respeito da vida profissional a que estão imersas. Tampouco, associação de mulheres imigrantes, ou qualquer outra modalidade de rede que as contemple.

Desta maneira, como observa Peres (2018), Corumbá possui um espaço migratório, historicamente, construído e que exige do pesquisador a compreensão do papel da fronteira nesse fenômeno social. Entendemos que o reconhecimento da presença feminina no processo migratório internacional não pode estar desvinculado de outros elementos constitutivos da análise, ou seja, a fronteira e o movimento migratório em si. Desta forma, por exemplo, Corumbá tem experimentado, desde fevereiro de 2018, a instalação de um intenso fluxo de haitianos que ingressam no Brasil por aquela cidade, oriundos do Chile. Trata-se de um movimento novo na cidade e que impacta de formas diferenciadas nos equipamentos públicos que cidade dispõe. Contudo, nos chamou bastante a atenção a presença de mulheres no fluxo, sendo, diversas delas, grávidas.

Através de metodologia desenvolvida pelo Circuito juntamente com o LEF, contabilizamos, entre os dias 12 a 25 de junho de 2018, período crítico de represamento deles na cidade, devido a medidas administrativas que impedia fluidez, 50% dos haitianos era de mulheres, e dessas 18% estavam grávidas. Neste caso, estamos constatando a presença feminina na tipificação migratória de passagem. Contudo, não se trata de uma exclusividade haitiana, uma vez que são observadas no PTCM as presenças de bolivianas entre seus demais nacionais.

Assim, à presença imigrante feminina na fronteira em estudo é acrescida a nacionalidade boliviana, que traz consigo conflitos pregressos que, em muitas ocasiões, terminam por serem manifestados. A migração feminina boliviana tem sido estudada por diversos grupos de pesquisa. Aqui mencionaremos dois que estão nos auxiliando na construção desta Dissertação. Peres (2004; 2018) e Roosta (2005) têm importantes publicações sobre os movimentos migratórios de bolivianas, incluindo a fronteira em estudo. Pela condição feminina, as imigrantes terminam por constituir um dos grupos mais vulneráveis, maltratados e desconsiderados na hora de cruzar a fronteira (MARRONI, 2003).

No âmbito do LEF, estudos sobre imigrações passaram a inserir a feminização como categoria de análise. Isso pode ser verificado em Dissertação sobre a presença dessas mulheres em feiras livres de Corumbá (LOIO, 2018), na qual ficou demonstrado diversos níveis de complexidades a que estão inseridas. Primeiramente, os fluxos migratórios internos à Bolívia as conduziram à fronteira em estudo. Contudo, não foi apenas um ingresso ao fluxo, mas, sobretudo, uma composição de elementos que as fizeram sair de seu lugar, que envolveu desde decisões nos âmbitos familiares, até fracassos e abandonos maritais.

Em segundo lugar, a inserção laboral delas nas feiras livres em Corumbá implicou, na imensa maioria delas, em submeter-se à condição pendular em movimento migratório. Isso implica na administração rotineira e cotidiana de componentes inerentes à condição fronteiriça, como, por exemplo, a lida diária com autoridades em ambos os lados do limite fronteiriço. Falamos aqui do Posto Esdras, complexo administrativo federal com finalidades de fiscalização e controle de mercadorias e pessoas, uma vez que ali estão instalados posto de vigilância da Receita Federal e o PTCM. De acordo com Loio (2018), este movimento diário de vai-e-vem, que inclui os mesmos veículos quase todos os dias, implica em aumento de tensões e elaborações de novas estratégias para acomodar seguramente suas mercadorias antes de expô-las.

A existência de migrações pendulares em região de fronteira tem como principal razão a geração de renda, embora outras atividades também possam ser aferidas, como explicam Oliveira, Corrêa e Oliveira:

O imigrante pendular, na maioria das vezes, está diretamente relacionado, no contexto fronteiriço, à persistência de assimetrias salariais. Isso ficou evidente em diversos momentos de nossa pesquisa. Todavia, notabilizou-se também a existência de estudantes, profissionais liberais e empreendedores pendulares (OLIVEIRA; CORRÊIA; OLIVEIRA, 2017, p. 95).

Em estudo realizado no âmbito do LEF (OLIVEIRA, 2014), foi possível constatar que diversas mulheres imigrantes assumiam papéis protagonistas na vida econômica da família, como moradoras permanentes em Corumbá. No decorrer daquela pesquisa foi possível notar as relações de poder, ordem, fiscalização e repressão, com que convivem essas pessoas, retratando outros olhares sobre a fronteira vivenciada. Neste sentido, é importante notar que a condição de imigrante de bolivianas não as coloca no mesmo nível de outras nacionalidades, uma vez que elas estão imersas em posição subalternas, por fazerem parte de grupos diferenciados no âmbito das chamadas sociedades globais (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2005). Isso faz com que as diversas maneiras com que as autoridades atuam no combate ao irregular e ao ilícito sejam muito diferenciadas quando ocorre com esse grupo em específico. E, se existe tal visão estereotipada de comércio exercido por bolivianos, por um lado, por outro percebemos que há aproximações motivadas, principalmente, pela mercadoria, mas, também, sustentada pelos contatos e cercanias que o comércio propicia (OLIVEIRA; MARIANI; OLIVEIRA, 2017).

CAPÍTULO 2

HISTÓRIAS DE VIDAS E MEMÓRIAS PRESERVADAS

2.1. Procedimentos Metodológicos: desafios e perspectivas.

Uma das maiores dificuldades em realizar uma pesquisa que contemple em seus procedimentos metodológicos a coleta de entrevista, visando a captura de uma história oral, é escapar à prática comum em seguir formulários preconcebidos. Sayad (1998) observa que o imigrante é, antes de qualquer coisa, um emigrante. Essa asserção impõe ao pesquisador a necessidade permanente de reconhecer o local de saída como elo que permanece, mesmo que, ilusoriamente, pareça estar rompido. Greiber, Maluf e Mattar (1998) já anunciavam, de forma muito direta, a necessidade de compreender que as histórias de vida dos entrevistados pertencem a eles, portanto, o fio condutor deve estar na própria memória. Porém, esta exige do investigador um cuidado muito especial, uma vez que o recurso da lembrança é algo suscetível a falhas e seleções, bem como o esquecimento é estruturado de diversas formas, inclusive a intencional (OLIVEIRA, 2004).

Oliveira (2018) assinalou que entre os procedimentos metodológicos a revisão bibliográfica tornou-se uma das etapas mais banalizadas em projetos de pesquisa. Argumentou que esse procedimento passou a ser considerado apenas como “[...] uma seleção do que deverá ser utilizado no decorrer de uma investigação” (OLIVEIRA, 2018). Neste aspecto, investigar a presença de imigrantes em fronteira desperta a premente necessidade de rever conceitos de forma permanente, como uma forma de garantir um preparo que possa nos colocar na posição estratégica que Said (1998) já havia alertado. Tal posição estratégica visa assegurar que o investigador não seja “esmagado” por pensamentos elaborados e assimilados pelas sociedades e que, no caso de nossos estudos, podem conduzir a diminuição da importância da memória das personagens com quem trabalhamos.

Sabendo que não existem procedimentos exclusivos para a realização de uma entrevista, reconhecemos que existem campos que devem ser abordados. Desta forma, salientamos que é muito relevante compreender as motivações para a saída da terra natal, bem como os laços que ainda os une (GREIBER; MALUF; MATTAR, 1998), reforçando aquela ideia de Sayad. Este mesmo autor acrescenta a este preparo metodológico para os estudos a respeito de imigrantes o fato de seu

deslocamento em espaço físico ser elemento fundamental para sua efetivação, e que, portanto “(...) o itinerário imigrante é um itinerário epistemológico” (SAYAD, 1998, p. 15). Ou seja, estudar esses ambientes de suas trajetórias físicas, requer a assimilação de diversas disciplinas como história, geografia, antropologia, demografia, etc., o que será crucial para qualificar esses espaços de deslocamento. Assim, a narrativa capturada nas entrevistas deve ser provocada para que apareçam esses deslocamentos, sejam eles nas motivações da saída da terra natal, nos estabelecimentos no outro país ou nas mobilidades urbanas que possuem ou não.

Seguindo este raciocínio, Oliveira (2004) acrescenta ao debate a respeito desses procedimentos o fator cultural, em especial a expressão “aculturação” como categoria a ser, permanentemente, revista. Obviamente, esse aspecto não pode ser tratado apenas na perspectiva de um registro isolado e sem a força germinal da História Oral: dar voz aos que não a têm, ou seja, os excluídos, os esquecidos, ou, os “derrotados” (JOUTARD, 2000). Neste aspecto, as questões ligadas à cultura devem aparecer contextualizadas para que os sujeitos não pareçam meros reprodutores de esquemáticos definidos pelos que possuem poderes sobre a sociedade. Assim, trabalhar com História Oral junto a imigrantes femininas e em fronteira se apresenta como algo muito desafiador.

Nesta parte da Dissertação sistematizamos as entrevistas que foram realizadas junto às comerciantes, sujeitos desta pesquisa. Entendemos que um dos principais problemas enfrentados no desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa está na posição que o pesquisador se propõe a ocupar perante o espaço social em que está se inserindo (OLIVEIRA; CORRÊA; OLIVEIRA, 2017). Isso, basicamente, porque o conflito entre a fala e a prática social é transversal e concomitante à pesquisa qualitativa, que, em alguns casos, limita-se ao material discursivo (MINAYO; SANCHES, 1993). Os métodos de pesquisa qualitativa, especialmente aqueles baseados em recursos metodológicos ligados à Antropologia, como a etnografia, por exemplo, são um meio essencial para observações substanciais da natureza complexa, informal e cotidiana das interações e processos dos imigrantes (BETTS; BLOOM; KAPLAN; OMATA, 2017).

O imigrante é, em essência, um emigrante (SAYAD, 1998), ou seja, antes de sua imersão em uma nova sociedade ela emergiu de outra. Isso não se trata apenas de um reconhecimento da trajetória desse sujeito, o que já é uma importante etapa a ser cumprida nos preparos metodológicos. Mas, isso significa, sobretudo, compreender as estratégias, ou suas ausências, que esse personagem esteve ou está submetido. Desta forma, uma pesquisa qualitativa sobre imigrantes exige do investigador um mergulho na realidade social a que o sujeito da pesquisa está inserido. Salientamos que estudos quantitativos também são muito importantes, contudo, nesta nossa pesquisa, a utilização de métricas demográficas pouco efeito produziram, uma vez que o que mais nos interessa é reconhecer a feminização da imigração, em região de fronteira, bem como a existência de redes entre elas. Desta

forma, nos interessará mais descrever do que quantificar os dados obtidos nos trabalhos de campo (LOIO, 2018).

Os procedimentos metodológicos que adotamos no correr das entrevistas assentaram-se no cuidado com os riscos inerentes à história de vida. Alguns autores salientam que é através da oralidade que torna-se possível compreender mais claramente as razões para uma tomada de decisão, quase nunca expressa na escrita, e, também, que se descobre o valor de redes e malhas tão eficientes quanto as estruturas reconhecidas e presenciadas cotidianamente (JOUTARD, 2000). Além disso, os acontecimentos capturados pelo oral podem ser melhores entendidos como colocações e deslocamentos no espaço social. Ou seja, o investigador deve buscar entender uma dada trajetória de vida não somente pelo sujeito em si, mas, através de um compromisso na reconstrução de espaços e conjuntos de agentes em que esteve relacionado (BOURDIEU, 2001). Este cuidado nos permitiu enxergar o sujeito da pesquisa como pertencente a um contexto social, e com a capacidade de existir em diversos campos (BOURDIEU, 2001).

Ainda a respeito dos procedimentos metodológicos que estamos adotando, cabe uma ponderação a respeito da revisão bibliográfica. Buscamos compreender como as dinâmicas trazidas pelas imigrantes e as impostas pela sociedade receptora em região de fronteira se entrelaçam. É relevante qualificar esse espaço, tendo como ponto de partida as atividades e usos que elas fazem, em especial, nas práticas comerciais, tendo como premissa a ideia na qual o uso define a excelência do espaço (SANTOS, 2006). Buscaremos, assim, em consonância com o pensamento de Sayad, qualificar os espaços, seja o de trajetória migratória, seja o práticas econômicas e relações sociais que as imigrantes estão inseridas.

2.2. Qualificações do espaço pesquisado.

Conforme nos ensinou Sayad, o espaço percorrido pelo imigrante deve ser estudado de maneira que o compreenda de maneira interdisciplinar e epistemológica (SAYAD, 1998). Desta forma, buscaremos entender o bairro Popular Nova a partir de um prisma histórico da presença de bolivianos em Corumbá e na fronteira a qual pertence. As dinâmicas demográficas, as nuances políticas de ambos os países, as alternativas laborais e residenciais estão no centro de nossas análises sobre suas trajetórias naquela cidade.

O Bairro Popular Nova é um importante espaço onde os imigrantes, notadamente de origem boliviana, encontraram possibilidades viver, trabalhar e construir sociabilidades. Atualmente este Bairro cumpre um relevante papel de articulador entre o centro da cidade e demais bairros circunvizinhos e os que estão localizados na parte alta da cidade, como Guarani, Nova Corumbá, Primavera, Guanabara, dentre outros (Imagem 01).

Imagem 01 – Vista de rua do Bairro Popular Nova.



Fonte: OLIVEIRA, J. C. (2019)

A presença de imigrantes neste espaço é notável em suas principais ruas, demonstrando, também, as formas como esse grupo social foi sendo ajustados nas dinâmicas urbanas ao longo da história daquela cidade (imagem 02).

Imagem 02 –Bairro Popular Nova com concentração de comerciantes oriundos da Bolívia.



Fonte: OLIVEIRA, J. C. (2019)

De acordo com nossa pesquisa foi possível constatar que esse Bairro foi criado ao final dos anos 1960, quando a cidade experimentava um importante ciclo em sua economia. Tratava-se de um processo de industrialização que conduziu Corumbá a ter: siderúrgica, fábrica de cimentos, cervejaria, moinho de trigo, curtume, sapataria, fábrica de sorvete, fiação, marmorarias, usina de pasteurização de leite, dentre outras. As indústrias de moinho de trigo, fiação, curtume e siderurgia

eram empreendimentos cujos sócios majoritários eram imigrantes, sírios e libaneses (OLIVEIRA, 2001). Porém, é necessário retroceder no tempo para compreender a importância daquele momento, bem como o aumento dos fluxos migratórios advindo da Bolívia. Podemos compreender que os anos 1940 e 1950 trouxeram as marcas de muitas novidades nos campos econômicos e demográficos de Corumbá e da fronteira em estudo. Neste período, uma parcela de sua classe média, proporcionou o mais importante processo de industrialização da história daquela cidade. Uma parte dessas atividades era decorrente do extrativismo das operações na morraria do Urucum, rica em minério de ferro, enquanto que outras eram fruto de importação de trigo e algodão da Argentina. Em ambos os casos, as atividades econômicas foram, substancialmente, alteradas naquelas décadas.

Destarte, em pouco mais de dez anos foram instaladas: a Sobramil, indústria siderúrgica ligada ao Grupo Chamma, cujo nome da empresa é o do sobrenome de importante família de imigrantes sírios; o Moinho Mato-grossense, o Curtume Mato-grossense e a Fiação Mato-grossense, de um conglomerado de sócios, liderados por Salim Kassar, Namtala Yasbek, Domingos Sahib e João Dolabani, imigrantes sírios e libaneses, sendo esses, também, fundadores da Liga-Árabe de Corumbá, em 1954; e a fábrica de Cimento Itaú, do grupo Votorantin. Tratava-se de um conjunto de indústrias que tinham por objetivo, sobretudo, atender o mercado do Sudeste brasileiro (OLIVEIRA; MONSSEF, 2016). O trigo e o algodão vinham da Argentina pelo Rio Paraguai enquanto que o couro era provindo de abatedouro de bovinos da própria região pantaneira, e os recursos minerais eram exportados, seja pelo modal ferroviário ou hidroviário (OLIVEIRA, 1998).

Nos anos 1970, à exceção da fábrica de cimento e da cervejaria, todas as indústrias estavam fechadas. As principais razões teriam sido: mudanças nas políticas do governo militar, advindas do “milagre econômico” que levou a formação de parque industrial no Sudeste, em detrimento de outras regiões do país; sobretaxas na importação de alguns produtos, como o trigo; e, a transferência do centro dinâmico da economia do sul do antigo Mato Grosso para Campo Grande (OLIVEIRA; ESSELIN, 2015).

Paralelamente, outros fatores são bastante importantes para que fossem realizadas profundas alterações no cenário demográfico e social da fronteira em estudo. Assinalamos aqui o Acordo de Roboré (1958), assinado pelo Brasil e Bolívia, que fora composto por dez convênios, um protocolo preliminar e vinte notas reversais. Seu principal objetivo era traçar uma negociação que pudesse resolver todos os problemas entre ambos os países, apagando “(...) ressentimentos e suspeitas” (SOARES, 1975, p. 155). Este Acordo teve como alguns de seus desdobramentos a inserção de diversos convênios que delinearão novos elementos para as transações comerciais entre ambos os países, como, por exemplo, instituindo “(...) condições vantajosas para a população fronteiriça, em especial a em estudo” (OLIVEIRA; ESSELIN, 2015). Contudo, um dos mais relevantes resultados daquele Acordo foi a facilidade com que se transita na linha limítrofe entre ambos os

países e em ambos os sentidos, configurando como ‘fronteira aberta’, na classificação de Foucher (1991). Isso foi muito importante, pois permitiu que novos fluxos migratórios internos à Bolívia fossem estabelecidos ao final dos anos 1960 e início dos 1970, atraídos pelas possibilidades econômicas que haviam naquela região, potencializadas pelo Acordo.

Outro componente que julgamos ser bastante relevante foi a fundação de Puerto Quijarro, em 1948. Encravada entre Corumbá e Puerto Suarez, distando dez quilômetros desta, tem seu nascedouro nas práticas trazidas pela ferrovia, tendo sua estação ferroviária considerada como Marco Zero da cidade. Em nossa pesquisa pudemos verificar que Puerto Quijarro não possui acervo histórico público que possa nos dar mais elementos de sua formação. Contudo, fizemos diversas visitas a famílias que lá vivem desde sua fundação, e pudemos constatar que, diferentemente de Puerto Suarez, Puerto Quijarro teve seu crescimento demográfico, especialmente a partir dos anos 1960, notadamente acentuado pela presença de bolivianos do altiplano, fruto de novas correntes migratórias, como já mencionamos.

Essa articulação entre esses acordos internacionais e as vivências construídas na localidade fez com que a realidade daquela fronteira fosse profundamente alterada. Isso, principalmente, em seus sentidos funcionais, ganhando novos contornos e inserindo novas perspectivas. Isso se intensificou com o tempo, uma vez que desde os anos 1950, acentuando-se no início dos anos 1980, o lado boliviano da fronteira recebeu os impactos de dois elementos nacionais e internacionais que redefiniriam suas relações com o país vizinho e dinamizaram sua demografia. Primeiramente, um amplo e importante programa oficial e nacional de reforma agrária, que atingiu, sobretudo áreas muito próximas de Santa Cruz de la Sierra, porém com desdobramentos até a fronteira em estudo (SOUCHAUD; CARMO; FUSCO, 2007). Esse programa consistia, de maneira elementar, em rearranjos populacionais no vasto território boliviano. Outro elemento, a partir dos anos 1980, está ligado à inserção da Bolívia nas rotas de mercadorias vindas do oriente, embora com volume e intensidade muito menores do que os verificados no Paraguai, na mesma época (LOIO; MARINI; OLIVEIRA, 2017). Esta inserção nas rotas de comércio internacional fez com que a demografia da região fosse significativamente alterada. Segundo dados coletados junto ao Instituto Nacional de Estadística (INE, 2006), a população de Puerto Quijarro aumentou aproximadamente 50% entre os anos 1990 e 2001 (SILVA ET AL, 2012). Isso implicou na incorporação de traços mais significativos da vida urbana, como, por exemplo, através da instalação de equipamentos como centros de saúde, escolas, além de policiamento ostensivo, dentre outros.

Outro aspecto, desta vez ligado à infraestrutura dessa fronteira, ocorreu no início dos anos 1970, com a construção da ponte que está localizada na linha limítrofe entre ambos os países. Inaugurada em 1975, por Dirceu Nogueira, Ministro dos Transportes, a sua obra foi fruto de articulações dos comerciantes locais com suas lideranças políticas, demonstrando a necessidade de tornar perenes os elos de

transportes, bastante atingidos pelos períodos de cheia. Esse movimento de pessoas, no duplo sentido, teve repercussões nos meios políticos e econômicos da cidade, levando o vereador Cleomenes Leite Proença a afirmar que os brasileiros que procuram as cidades bolivianas são de baixo poder aquisitivo e procuram mercadorias mais baratas (DIÁRIO DE CORUMBÁ, 1975, p. 01). Benedito Paula Saad, então presidente da Associação Comercial de Corumbá, destacou que esse tipo de comércio trazia enormes desvantagens para os comerciantes corumbaenses, pois os produtos ali comercializados seriam de origem brasileira e, com isenção de impostos, teriam preços desonestos (O MOMENTO, 1975, p. 01).

Conforme conseguimos apurar em abordagens em moradores mais antigos da região em estudo, havia rotineiros fluxos por essa via terrestre, tanto de pessoas quanto de mercadorias. Constatamos que havia o uso dos serviços da Viação Ladarensense que operava no trecho entre Ladário e Puerto Suarez, em período anterior ao da construção da ponte, em um percurso de, aproximadamente, 30 quilômetros. Consideramos este como mais um dos elementos que contribuíram para que novas dinâmicas socioeconômicas e demográficas fossem estabelecidas naquela fronteira, tendo seus impactos chegados até a cidade de Corumbá.

Desses fluxos migratórios internos à Bolívia, parte se deslocou em direção a Corumbá, atraídos pelo desenvolvimento que a cidade experimentava nos anos 1960. Na época a cidade contava com uma feira livre localizada na área central, mais precisamente na Rua Joaquim Murinho, próximo à sua estação ferroviária, que existiu até meados dos anos 1980. Em abordagens junto a moradores mais antigos da vizinhança dessa feira pudemos observar que diversos foram os bolivianos que ali trabalhavam, fosse à frente dos negócios, fosse como carregadores de caixas e armadores de barracas. Até o momento, nossos estudos indicam que a distribuição deles pela cidade foi bastante diluída, embora seja evidente que os bairros Dom Bosco, Cristo Redentor e, posteriormente, Popular Nova, fossem polos de concentração.

Conforme pudemos apurar em nossas abordagens junto a moradores mais antigos, embora tenha surgido como um núcleo residencial, com o mesmo nome da atualidade, sua expansão ocorreu, principalmente, em função das camadas mais pobres da sociedade que foram “empurrados” para o limite do perímetro urbano da época. Duas moradoras nos deram seus depoimentos, onde constatamos que os bolivianos estiveram presentes na formação do Bairro desde o princípio. Dona P. nos disse que chegou ao Popular Nova em 1967, quando recebeu um lote do Prefeito, que ela afirma não se lembrar do nome, onde ela e seu marido construíram uma pequena casa e começaram a comercializar frutos de sua pequena horta nas feiras e nas ruas do centro da cidade. Conta que, ao mesmo tempo em que sua família, outros bolivianos também mudaram para aquele bairro, onde puderam construir relevantes elos de solidariedade de vizinhança, que pudemos constatar existir inclusive entre seus descendentes.

2.3. Análise de entrevistas: o uso da ferramenta Iramuteq.

Nesta parte de nossa Dissertação iremos trabalhar com as entrevistas realizadas com comerciantes bolivianas que atuam no Bairro Popular Nova. Conforme a programação feita no projeto de pesquisa, definimos o roteiro de entrevistas no molde semiestruturada, por entendermos que esses procedimentos metodológicos são fundamentais quando se necessita identificar práticas, crenças e valores de universos sociais muito específicos, e que estejam razoavelmente delimitados, nos quais os conflitos e contradições ainda não estejam explicitados (DUARTE, 2004). As entrevistas, no contexto de uma pesquisa qualitativa, permitirão certo tipo de mergulho na realidade do entrevistado, coletando indícios das formas como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhes permitam descrever e compreender a lógica funcional, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados (DUARTE, 2004).

Após as orientações para elaboração e construção do roteiro de entrevista, realizamos algumas visitas para estreitamento de laços com os sujeitos de nossa pesquisa. Isso foi possível, em grande parte ao conhecimento que já possuíamos desde os trabalhos de Iniciação Científica, que nos permitiu retomar contato com uma das comerciantes mais antigas na área estudada. Isso, associado ao fato dela ter largo alcance entre outras imigrantes que atendessem aos nossos objetivos, facilitou nossa apresentação e aproximação pela metodologia bola de neve. Assim, foram realizadas sete entrevistas com comerciantes bolivianas pendulares e permanentes que possuem lojas comerciais no Bairro Popular Nova.

No primeiro momento, conversamos com as comerciantes sobre os horários e dias para entrevistas, sempre nos atentando a rotina das mesmas. Após esse primeiro contato e com as entrevistas agendadas, fomos a campo para a coleta das mesmas. A primeira entrevistada, embora tenha respondido a todas as questões colocadas, se mostrou pouco à vontade para manifestação, notamos que suas respostas eram curtas e objetivas, mostrando-se receosa. Respondia às nossas questões ao mesmo tempo em que trabalhava e cuidava com a mercadoria e família. Ou seja, enquanto realizávamos a entrevista ela atendia a filha pequena e organizava seu estabelecimento comercial.

Um aspecto muito relevante no trabalho de campo que inclui a aplicação de uma entrevista é a rejeição dos sujeitos em realizá-las. A segunda entrevistada mostrou-se nada receptiva, nos convidando a sair do estabelecimento. Para tentarmos compreender a situação a que estivemos expostos é necessário que entendamos o espaço no qual essas imigrantes estão inseridas. Trata-se de um local no qual a presença delas é muito notável, concentradas em lojas em diversas quadras do Bairro Popular Nova. Isso torna seus negócios alvo de fiscalizações por parte de diversos órgãos.

Os discursos transcritos foram submetidos ao programa IRAMUTEQ. Trata-se de um software gratuito e desenvolvido sob a lógica da *open source*, licenciado por GNU GPL (v2). Este se fundamenta no ambiente estatístico do software R e na linguagem python. O programa disponibiliza diferentes tipos de análise sobre os dados textuais, dentre as quais, utilizaremos a “nuvem de palavras”, que as organiza graficamente em função da sua frequência. Segundo Camargo e Justo (2013), esta é uma análise lexical mais simples, contudo, graficamente interessante, já que possibilita rápida identificação das palavras-chave de um *corpus*.

Quanto à análise do conteúdo capturado em entrevistas, Duarte (2004) nos ensina que uma das maneiras de realizar a análise é fragmentando o todo e reorganizando os fragmentos, segmentando a fala dos entrevistados em unidades de significação. Salienta, ainda, que é necessário que realize um procedimento bastante minucioso de interpretação de cada uma dessas unidades (DUARTE, 2004).

Citamos aqui um exemplo da importância desse processo de fragmentação das falas e de encontro com as coesões em distintas entrevistas. Foi quando pudemos notar a fronteira como espaço de oportunidades para suas sobrevivências. Ao fragmentarmos os conteúdos das falas capturadas, pudemos perceber o quanto a fronteira é mencionada no sentido de busca por estabilizar suas vidas e, por conseguinte, o fluxo migratório, de maneira muito semelhante como narrado em pesquisa realizada por Loio (2018), e neste processo, as mulheres imigrantes são protagonistas.

2.3.1. Origens e destino: família, trabalho e estabilidades no processo migratório.

As trajetórias dessas imigrantes estiveram diretamente relacionadas a uma decisão no âmbito familiar, o que corrobora com a ideia ilustrada por Solé, Cavalcanti e Parrela (2011), na qual as camadas inferiores da sociedade têm na emigração o resultado de uma estratégia delineada em âmbitos familiares. Não se trata, portanto, salvo exceções que não cabem nesta pesquisa, de decisões pessoais e isoladas. Os elos familiares parecem ser mais estreitos quando tratamos de migração internacional de mulheres (LOIO, 2018). Assim, a tomada de decisão em emigrar está direcionada às perspectivas de melhoras nas condições de vida, em contraponto às faltas de condições econômicas e ocupações laborais no local de origem (SOLÉ, CAVALCANTI, PARRELA, 2011).

Isso ficou bastante evidente na fala de N.G., 34 anos, nascida em Sucre, que se dirigiu àquela fronteira juntamente com seu esposo. A migração dessa família teve como elo de rede os convites feitos por uma prima dela que vivia em Corumbá. De forma muito parecida D.J., 63 anos, nascida em Santa Cruz de la Sierra, conta que sua ida para a fronteira em estudo ocorreu por decisão de seus pais, em uma tentativa de melhorar as condições financeiras, que estavam bastante precárias.

A presença masculina no momento de decisão de emigrar é bastante evidente em diversas falas que capturamos. Seja na presença do pai, do esposo ou padrasto, a figura masculina como integrante principal das decisões ficou bastante clara. Isso é notável quando mencionam que acompanhavam tais membros de família. Embora alguns estudos apontem para o crescimento de autonomias de mulheres na tomada de decisão em emigrar (ALBA, CASTILLO, VERDUZCO, 2010), há ainda muitos casos, como em alguns desta pesquisa, em que os homens assumem protagonismos e não as visibilizam.

Neste aspecto, há o contraponto de G.R., que nasceu em La Paz, em condições financeiras muito ruins. Conta que após sua mãe falecer, foi criada pela irmã mais velha, dentre outros quatro irmãos. Ainda naquela cidade trabalhou como garçonete, o que deu a ela oportunidade de conhecer pessoas. E, dentre esses contatos, recebeu o convite para trabalhar no Brasil com o vice-cônsul da Bolívia em Corumbá. Como era para receber em dólar, ela aceitou, mesmo sabendo que era um contrato por apenas um ano, e que foi prorrogado por mais um ano. Conta que nos primeiros meses no Brasil tudo, para ela, era novidade: a língua e a cultura, por exemplo. Neste período conheceu aquele que se tornou seu marido, e após alguns meses de namoro se casaram e tiveram um filho.

As dificuldades econômicas existentes no período em que ocorreu a decisão de migrar é uma marca bastante constante nas falas das comerciantes entrevistadas. Outro exemplo disso é S. M., com 57 anos, nascida em Santa Cruz de la Sierra, onde morava com seus pais e trabalhava vendendo salgados e condições de vida que ela considera como “muito precárias”. Conta que aos 18 anos, após o falecimento de seus pais, decidiu migrar a convite de uma prima que vivia em Corumbá, onde se casou com um brasileiro, com quem teve dois filhos. Conta, ainda, com ares de orgulho, que um de seus filhos é professor de matemática na rede municipal. Quando ainda eram crianças, seu marido a abandonou, aumentando, por um lado, as dificuldades inerentes à sobrevivência, e por outro, a acolhida e solidariedade dos vizinhos no Bairro, do que ela se lembra com muito orgulho de ter tido “coragem para enfrentar a realidade”. O abandono familiar é outro traço bastante importante nas trajetórias dessas imigrantes bolivianas em Corumbá, que fora assinalado por Loio (2018) de forma muito semelhante à história de vida de S.M., pois tal ruptura não implicou em passividade perante as dificuldades decorrentes. O abandono do marido, também, não afetou a estabilidade do processo migratório, notadamente com perspectivas temporais mais largas nas mulheres do que nos homens, conforme tem salientado o Professor Marco Aurélio Machado de Oliveira em diversas palestras e cursos no âmbito do Circuito Imigrante e do Mestrado em Estudos Fronteiriços/UFMS.

Podemos mencionar a existência de reunificação familiar através da migração internacional. Falamos de R.M., de 61 anos, que conta que nasceu em Cochabamba, e seus pais, devido as dificuldades financeiras, quando ela tinha cerca de 3 anos de idade, pediram que outra família a criasse. Quando seus pais adotivos

faleceram, ela, aos 15 anos, foi reunida à família de origem, que vivia em Corumbá, onde se casou e iniciou sua vida no comércio. A reunificação familiar é importante aspecto nas políticas governamentais em diversos países, inclusive o Brasil. Contudo, devemos compreender que o caso desta imigrante deve considerara fronteira como espaço em que porosidades são construídas, permitindo ações como essa. Consideramos que a indocumentação de imigrantes bolivianos em Corumbá seja uma práxis bastante recorrente e com diversas razões para que aconteça. Levantamos como hipótese para futuros estudos a invisibilidade que a indocumentação traz como uma estratégia que permite a permanência desses grupos sociais. Desta forma, a ausência de trâmites documentais por parte dos familiares biológicos de R.M., propiciou a ela o ingresso e permanência naquela cidade.

Retornando aos ensinamentos de Foucher (1998), o fato da fronteira em estudo ser tipificada como “aberta” torna a rotineira vida pendular mais visibilizada. Isso é notável nas comerciantes imigrantes pendulares cujas realidades também são realidades capturadas no Bairro Popular Nova. A.S., por exemplo, nascida em La Paz, conta que migrou para fronteira, sem saber ao certo a idade, acompanhando sua mãe, que viera trabalhar no comércio a convite de uma prima. Foi nessa rotina que ela adquiriu experiência com a lida comercial. Casou-se com um boliviano, também nascido em La Paz, e tem uma filha de 3 anos. Atualmente, reside em Puerto Quijarro e trabalha em uma loja naquele Bairro. Considera sua rotina como bastante exaustiva, tendo que dormir tarde e acordar cedo, todavia, com a satisfação expressa na frase “não tenho patrão, sou a própria patroa”.

Consideramos que a vida pendular em região de fronteira é algo que mereça bastante atenção por parte do pesquisador, uma vez que as rotinas de trabalho, as dificuldades documentais e decorrências culturais desse cotidiano são bastante diferentes daqueles que habitam de forma permanente o país vizinho (OLIVEIRA; CORREIA, OLIVEIRA, 2017). Assim, constatamos na fala de A.S. a forma como são acentuadas as dificuldades inerentes à condição de mulher, uma vez que a tripla jornada de trabalho é bastante potencializada, seja pelas distâncias que devem ser percorridas, seja pelos horários a que são submetidas, seja pela estrutura familiar a que estão imersas. Devemos salientar que na fala dessa entrevistada a fronteira não aparece como elemento substancial na jornada, e sua conseqüente exaustão. De forma muito semelhante a outros estudos que confirmam essa percepção (LOIO, 2018), a administração do lar, associada aos papéis de mãe e esposa, e as atividades laborais, relacionadas aos desempenhos das atividades laborais, aparecem com destaque que diminui, se não anula, sua percepção espacial a que está inserida.

As imigrantes cujas origens são a própria fronteira constituem uma realidade naquele Bairro. F.V., 26 anos, nascida em Puerto Quijarro, mudou-se, quando tinha 1 ano de idade, para o Brasil acompanhando seus pais que começaram a trabalhar com o comércio na área central de Corumbá. Posteriormente, atuaram, também,

como feirantes nas feiras-livres e como ambulantes naquela cidade. Nesse período ela conta que sempre ajudou seus pais, adquirindo experiência na vida comercial, e que após a fixação dos negócios da família em uma loja comercial, no Bairro Popular Nova, começou a entender os funcionamentos da administração da loja, como procedimentos legais e recursos financeiros, bem como os meios para, posteriormente, se inserir no comércio de forma autônoma em relação à família. Narrou que proximidade com a cidade natal propiciou a ela facilidades para lidar com as diferenças culturais.

Na nuvem que elaboramos sobre as temáticas “Origens” e “Trajetórias” podemos perceber o quanto a fala das imigrantes abordadas e entrevistadas assinalava vinculação da origem ao destino. As palavras com maiores destaques foram: **Corumbá, comercial, família e fronteira**. Isso demonstra o quanto elas estão centradas em uma necessidade de vincular a própria sobrevivência e de sua família ao destino do fluxo migratório. Ou seja, as atividades laborais e a família são centro de todas suas percepções quanto ao movimento migratório e as atividades comerciais.

Imagem 03 - Nuvem 1 – Origens das Imigrantes



Fonte: OLIVEIRA, J. C. (2019)

Imagem 04 - Nuvem 2 – Trajetória das Imigrantes



Fonte: OLIVEIRA, J. C. (2019)

A estabilidade no processo migratório pode ser entendida por dois vieses. O primeiro diz respeito às motivações de saída do país e condicionados às intensidades, permanências e destinos dos fluxos migratórios internacionais. Trata-se de um complexo conjunto de conceitos do fenômeno migratório internacional que busca avaliar, principalmente, os percursos, as estratégias elaboradas a partir da decisão de migrar, as formas como os países envolvidos reagem e as possibilidades de permanência por parte desses migrantes. As teorias neoclássica e desenvolvimentista entendem o processo migratório internacional a partir dos benefícios que o fluxo produz nos países de origem e de destino (DE HAAS, 2009), enquanto que as teorias de causas cumulativas e “síndrome migratória” pensam exatamente o oposto: em vez de diminuir, a migração passou a ser vista como fenômeno que aumenta as disparidades espaciais (entre regiões e internacionais) nos níveis de desenvolvimento (DE HAAS, 2010). Contudo, não tivemos acesso a literatura que demonstrasse a importância do fluxo feminino no que tange à estabilidade na permanência no país de destino, e isso tem se mostrado muito evidente em pesquisas como de Loio (2018).

Nosso entendimento a respeito de estabilidade no fluxo migratório internacional envolve as dificuldades que as migrantes tiveram quanto às formas de acomodação na nova terra, incluindo idioma, cultura, moedas, etc. Desta forma, A.S. conta que as dificuldades foram diversas, como a vida doméstica conciliada às atividades no comércio, acrescido ao fato de ter de cuidar da filha. A língua portuguesa também apareceu como elemento que dificultou as fases iniciais de suas

atividades, mas que hoje consegue ter maiores facilidades. Essa situação é corroborada por R.M., que conta que na fase inicial, de acordo com ela, a maior dificuldade esteve relacionada à questão idiomática. Ela acrescenta que só conseguiu maior respeito a partir do momento em que, juntamente com seu marido, conseguiu montar seu salão de beleza e inserir seus filhos no mesmo ramo. Em ambas imigrantes as diferenças culturais lhes impuseram graus de dificuldades maiores para melhor assimilação do espaço em que estava sendo inserida.

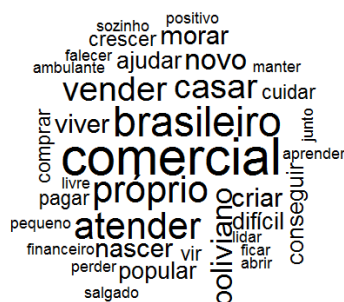
No tocante às diferenças culturais Karasz (2005) assinala em seus estudos comparativos entre asiáticos e europeus que vivem nos Estados Unidos, como as diferenças culturais atingem de forma mais severa aqueles que são oriundos de regiões com menos aproximações culturais com o país de destino. Observa que tais diferenças culturais são mencionadas por esses grupos mais vulneráveis como “problemas sociais e morais”. Destarte, pudemos verificar que as formas como as imigrantes em estudo encontraram para superar essas dificuldades estiveram relacionadas à necessidade de obter “sucesso” nas atividades comerciais como meio de obter respeito.

Outro exemplo que se encaixa bem nessa perspectiva é o de F.V., que narrou suas dificuldades associadas ao preconceito que experimentou quando relacionado às suas atividades. Ela citou o exemplo de quando nega vender “fiado”, a resposta dos brasileiros costuma ser: “quem essa boliviana pensa que é?” esse tipo de conduta, por parte de brasileiros em Corumbá, foi analisado por Costa (2015) que elucidou se tratar de uma assimetria de poder, onde podemos identificar uma ideia de “superioridade-inferioridade” expressa em discursos e nas práticas do lado brasileiro. Isto estrutura também a “[...] construção de preconceitos e de dominação simbólica dos bolivianos, assim como determina as possibilidades de acesso ao trabalho formal e aos direitos” (COSTA, 2005, p. 37).

A nuvem que ilustra os graus de dificuldades encontradas por essas imigrantes demonstra o quanto essas palavras ligadas ao comércio e aos brasileiros são destacadas. Entendemos que o processo de assimilação cultural demanda níveis de internalização de valores, costumes e outros traços culturais que levam os indivíduos a introjetarem e assimilarem novos comportamentos (APPEL-SILVA; WENDT; ARGIMON, 2010). Associado a isso, essas migrantes trouxeram valores e traços culturais que estão cristalizados, como o casamento, por exemplo.

De forma subjacente, aparecem **casar, vender, viver, criar e novo** como importantes demonstrações dos níveis de introjeção que elas tiveram que se submeter para adquirir espaço no comércio local, bem como as preocupações inerentes à condição imigrante no tocante às preocupações imediatas ligadas à sobrevivência.

Imagem 05 - Nuvem 3 – Dificuldades no espaço de destino.



Fonte: OLIVEIRA, J. C. (2019)

No tocante à vida que os imigrantes levam no país de destino, diversos são os aspectos a serem observados. Iremos nos deter nas relações de vizinhança, que, na quase totalidade das entrevistadas, significa o mesmo local de moradia e de trabalho. Alguns estudiosos afirmam que o sentimento de pertencimento a uma dada comunidade configura-se, significativamente, como constituinte de uma grande coletividade, principalmente, a partir da sensação de que existe uma rede e uma estrutura para relacionamento (HOMBRADOS-MENDIETA; GOMEZ-JACINTO; DOMINGUES-FUENTEZ, 2009). Saranson (1974) pontua os principais elementos que constituem um sentimento de comunidade: a percepção de ser semelhante a outros membros da comunidade; reconhecimento da interdependência entre os membros da comunidade em questão; o desejo de manter tal interdependência, isto é, comportar-se com os outros como esperamos que eles se comportem conosco, e o sentimento de que somos parte de uma estrutura social superior estável da qual dependemos. Estudos sobre os fatores que influenciam a qualidade de vida em um bairro constataram que a qualidade de vida e senso de comunidade estavam positivamente relacionadas ao número de vizinhos conhecidos, satisfação com a composição da vizinhança e avaliação positiva do fato de se conhecerem (HOMBRADOS-MENDIETA; GOMEZ-JACINTO; DOMINGUES-FUENTEZ, 2009).

Neste sentido, os estudos com as imigrantes bolivianas que trabalham no Bairro Popular Nova foram bastante importante para entender como foram construídos meios de permanência e de estabilidade econômica delas e de suas famílias. Fossem as formas solidárias com que as vizinhas colaboraram com os cuidados de seus filhos enquanto trabalhavam, fossem nas relações estabelecidas a partir de seus comércios, os brasileiros aparecem como elos cruciais nas lidas pela

sobrevivência, desde os primeiros momentos em Corumbá. Novamente a exceção está na A.S., que devido à sua condição de imigrante pendular, acarretando ausências no cotidiano extra laboral, como finais de semana, afirma ter poucos contatos com a vizinhança. Ou seja, a pendularidade impõe aos imigrantes em geral limitações variadas, inclusive nos contatos e laços, em especial, no país de destino.

S.M. salienta que graças à vizinhança foi possível desenvolver algumas de suas atividades laborais, isso porque pode contar com ajudas nos cuidados e criações de seus filhos. Chega a denominar as mulheres brasileiras que lhe auxiliaram como sua “própria família”. Na mesma esteira, G.R., afirma ter “muita gratidão” pelas amigas que fez na vizinhança, especialmente, quando teve que criar sozinha um filho, após ter sido abandonada pelo namorado, tendo que trabalhar como babá, doméstica e cuidadora de idosos. Considera o bom relacionamento com os vizinhos como “fundamental” para sua sobrevivência e de seus filhos. Esses elos de vizinhança ficam explícitos na fala de N.G., quando afirma que “a vizinhança se protege, também, um cuida do outro, ajuda com as crianças, mas, mais as mulheres”.

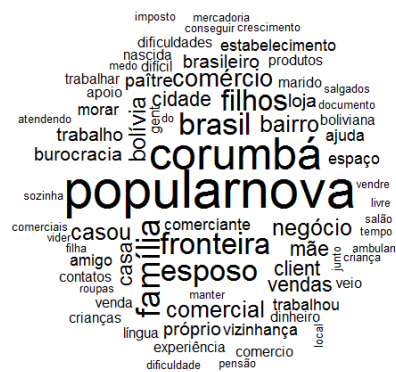
Neste aspecto, queremos salientar a fala de S., brasileira, 54 anos, moradora do Bairro Popular Nova desde sua criação, quando era um bebê. Importante personagem na execução desta pesquisa, S., com seu vasto conhecimento daquele espaço, foi um dos pontos de partida para a metodologia ‘bola de neve’, apresentando imigrantes que tinha acesso e amizade. S. conta que cresceu brincando com meninas bolivianas, e pode colaborar, junto a sua mãe, nas práticas de solidariedade que envolvia cuidar dos filhos e ensinar a língua portuguesa.

Um contraponto importante a esses discursos de solidariedade está em R.M., que conta ter sido muito difícil sua inserção na sociedade local e nas atividades laborais. Salienta que com seu marido teve que aprender “tudo sozinha, unindo o trabalho no salão de beleza, aos trabalhos domésticos e família”. Comenta que sofreu muito, mas “aprendeu a lidar com o preconceito e discriminações”, e que se orgulha “por todos [os seus filhos] estarem ‘encaminhados’, graças ao fruto do trabalho [em família]”. O idioma foi outro ponto destacado por ela como enorme obstáculo que ela teve que aprender na lida do trabalho.

As migrações atuais formaram uma enorme variedade de perfis e modelos de assentamentos nas cidades, embora os imigrantes tendam a se concentrar em algumas áreas geográficas (HOMBRADOS-MENDIETA; GOMEZ-JACINTO; DOMINGUES-FUENTEZ, 2009). A razão principal para essa concentração estaria nas solidariedades primárias estabelecidas pela nacionalidade de origem (HOMBRADOS-MENDIETA; GOMEZ-JACINTO; DOMINGUES-FUENTEZ, 2009). Desta forma, reforçamos a importância de se realizar esse tipo de enfoque, analisando o senso de pertencimento entre esses grupos, uma vez que esse é um elemento que potencialmente fortalece a integração social e a qualidade de vida. Na nuvem abaixo podemos perceber o quanto aquele Bairro é importante nas

percepções que elas possuem de pertencimento ao lugar. Assim, palavras **família**, **filhos**, **esposo** e **fronteira** concorrem com as centrais **Popular Nova** e **Corumbá**, dando o reforço aos sentidos de sobrevivência, elos de solidariedade e pertencimento construídos através, principalmente, das relações nas adjacências de seus trabalhos e moradia.

Imagem 06 - Nuvem 4 – Relações de vizinhança.



Fonte: OLIVEIRA, J. C. (2019)

Outro ponto muito importante a ser analisado nas falas das entrevistadas é a forma como elas vivenciam e percebem a fronteira em que vivem. A fronteira em estudo, como já mencionamos, possui intensa história de presença de imigrantes, entre eles os bolivianos. Cardoso de Oliveira (2006) salienta que a fronteira confere à sua população graus de diversificação de nacionalidades e etnias, de ambos os lados, que lhe cria uma situação bastante complexa. Tal pensamento é corroborado por Costa (2015), que ao analisar a fronteira que estamos estudando, assinalou que a precariedade e a informalidade nas atividades laborais exercidas pelos bolivianos acentuam estigmas e estereótipos.

No caso específico das bolivianas em estudo, a fronteira aparece como principal espaço de equilíbrio de suas atividades laborais e garantia de sobrevivência. A fronteira as impõe a macroeconomia, ou seja os efeitos de políticas internacionais que lhes acarreta a precarização do trabalho (OLIVEIRA; MARIANI; LOIO, 2018). Uma das formas que lhes tornou possível sobreviver a essa dura realidade foi a inserção nas atividades comerciais, que, em um primeiro momento, aparece como única saída, mas, que com o passar do tempo se configura como sólida alternativa, dada a longa trajetória que algumas delas têm.

S.M. conta que a fronteira apareceu como um enorme desafio e uma possibilidade mesmo ante as práticas de preconceito que ela disse, em diversos momentos, ter vivenciado. R.M. analisa suas dificuldades com a língua portuguesa terem sido acentuadas pelo fato dos brasileiros não terem colaborado com seu aprendizado, ideia a qual ela insere no mesmo contexto do preconceito sofrido por parte dos brasileiros. Silva (2004), ao estudar a migração de bolivianos em Corumbá, salientava a existência combinada entre preconceito e solidariedade como manifestações à presença desse grupo social. Ainda, Silva menciona casos de indiferença como sendo uma forma de expressão de preconceito aos bolivianos de maneira mais dissimulada.

Oliveira (2016) analisa a presença de imigrantes em região de fronteira como um sujeito que produz transformações, seja na sociedade de origem, seja na que o recebe. Neste sentido, entendemos que tais transformações são expressas, por um lado, aos alcances sociais, ou seja, a formação e consolidação de vínculos de amizade, casamentos, interações escolares e de trabalho, e, por outro lado, às relações políticas, incluindo as de administração estatal, que atuam diretamente dando condições para acesso à cidadania ou à precarização das condições em que são inseridos. Esse conjunto de elementos que constituem a vida do imigrante termina por delinear as formas como esse sujeito constrói suas visões e percepções sobre o espaço em que habita.

Tais delineamentos ficam evidentes em outro aspecto importante, que ganha bastante destaque nas falas de nossas entrevistadas, aquilo que S.M. denomina como ‘burocracia’ e que “impede o crescimento de muita gente”. Essa questão documental aparece em diversas falas das entrevistadas. F.V., por exemplo, enfatiza que a burocracia dificulta quem quer “abrir um negócio, adquirir um MEI e outros documentos necessários”, opinião compartilhada por S.M.

A.S. enxerga a fronteira como uma oportunidade para sustentar a si e sua família. Sua condição de imigrante pendular lhe assegura uma espécie de ‘zona de conforto’, expressa em sua fala quando afirma “que morar na fronteira é muito positivo, o contato com duas culturas e oportunidades que o Brasil oferece”. De fato, esse é um aspecto muito relevante nessa condição migratória, pois propicia uma mobilidade que lhe permite transitar entre as oportunidades econômicas em um país vizinho e a segurança de seu país de origem.

Podemos observar na nuvem abaixo que as palavras **vender, atender, casar, criar, brasileiro e boliviano** concorrem com a palavra central **Comercial**. Isso, em nossa opinião reforça vivamente a fronteira como espaço relacionado às origens de seus processos migratórios, interna e externamente ao seu país. Ou seja, a busca pela sobrevivência da família, as atividades laborais no comércio, e o destaque central que este tem, demonstram o quanto fronteira está umbilicalmente ligada às perspectivas de melhoras em comparação aos seus lugares de origem.

Imagem 07 - Nuvem 5 – Percepção da fronteira



Fonte: OLIVEIRA, J. C. (2019)

CAPÍTULO 3

AÇÕES E INTERSECÇÕES SETORIAIS JUNTO ÀS IMIGRANTES EM CORUMBÁ, MS.

3.1. Circuito e COMARIA: Perspectivas e demandas de imigrantes em fronteira.

O Circuito de Apoio ao Imigrante (Circuito), do qual fazemos parte desde 2016, nasceu em 2015 a partir de iniciativa do Professor Marco Aurélio Machado de Oliveira, Coordenador do Laboratório de Estudos Fronteiriços (LEF), juntamente com Renata Miceno Papa de Almeida, servidora da Secretaria Municipal de Assistência Social em Corumbá. A proposta central era criar espaços de diálogos entre órgãos que atuam diretamente com o imigrante em Corumbá. Tal iniciativa surgiu após a constatação de que esses órgãos pouco, ou nada, dialogavam entre si sobre suas rotinas de trabalhos e demandas que um poderia atender do outro no tocante ao público composto por imigrantes, refugiados e apátridas (OLIVEIRA; PAPA, 2016). O Circuito nasceu ligado umbilicalmente ao Mestrado em Estudos Fronteiriços (MEF), portanto com características predominantes nesse Programa: interdisciplinar e profissional. Ou seja, a proposta inicial do Circuito estava, também, em aprimorar as práticas públicas junto aos órgãos que o compõem.

A criação do Circuito aparece como uma resposta às demandas desses órgãos, mas, também, ao reconhecimento da relevância que a presença imigrante possui, em especial em região de fronteira. Tal relevância é melhor explicitada através de estudos de Oliveira e Campos (2015), nos quais reconhecem no imigrante a existência de um ser capaz de promover transformações, seja na sociedade que ele deixa para trás seja na que o recebe. Os mesmos pesquisadores entendem que tais transformações são ligadas por múltiplas escalas e alcances nas esferas sociais, ou seja, “[...] os círculos de amizades, casamentos, interações escolares e nos locais de trabalho, economia e comércio” (OLIVEIRA; CAMPOS, 2015, p. 49). Em seus entendimentos isso ocorre também, nas relações políticas, incluindo as estatais que “[...] buscam soluções e entendimentos, uma para aclarar os motivos de saída e outra para explicar as permissões ou interdições para a entrada” (IDEM).

Trata-se de um coletivo não hierarquizado composto por diversos órgãos, como: Pastoral da Mobilidade Humana, Albergue, OAB (Seccional de Corumbá, MS), Polícia Federal, entre outros. O nascimento da proposta de criação do Circuito esteve diretamente ligado à constatação da “[...] existência de uma rede de atendimento, acolhimento e encaminhamento ao imigrante na cidade, contudo, com níveis de conectividades consideradas insatisfatórias por seus membros” (CORRÊA, 2016, p. 36). Desta forma, em junho de 2015 ocorreu a primeira reunião do Circuito

que se propunha trabalhar em duas frentes: fortalecer essa rede e encontrar soluções para problema comuns (CORRÊA, 2016).

Desde seu nascedouro, o Circuito foi constituído como um coletivo para se tornar uma rede integrada “[...] de agentes públicos, representantes de órgãos governamentais ou não, que atuam diretamente com a temática migrante” (OLIVEIRA; PAPA, 2016, p. 02). Suas ações estão centradas em um tripé: acolhimento, atendimento e encaminhamento dos imigrantes, refugiados e apátridas em Corumbá. O Circuito também nasce com a preocupação em fazer, de forma permanente, o reconhecimento da importância das espacialidades que a fronteira impõe a esses grupos sociais, centrando seus trabalhos na tipologia de migrantes internacionais: pendulares, permanentes e de passagem, que tanto impactam na vida deles e nas das sociedades que os recebem (CORRÊA, 2016).

A primeira ação do Circuito com alcance e repercussão na sociedade ocorreu em junho de 2016, quando, juntamente com o MPE, organizou uma Audiência Pública para tratar das possibilidades e viabilidades de implantação de um Comitê Municipal de Atenção ao Imigrante, Refugiado e Apátrida em Corumbá. A iniciativa buscava dar ampliações administrativas do atendimento, encaminhamento e acolhimento desses grupos sociais. Como seu principal resultado, as autoridades encaminharam uma minuta de decreto a Paulo Duarte, então Prefeito daquela cidade. Em agosto do mesmo ano, tal minuta foi transformada no decreto 1.706, em que criava o COMAIRA. Como se tratava de ano de eleições municipais, sua instalação foi postergada para após aquele pleito, sendo que foi necessário um ano e meio entre a assinatura do Decreto e a instalação do COMAIRA. E essa instalação ocorreu como alternativa administrativa municipal frente aos novos fluxos que chegavam em volume impensável, anteriormente. Falamos aqui dos haitianos.

A presença haitiana de forma expressiva no Brasil iniciou-se em fins de 2010, e intensificou-se com o passar dos anos. Tal diáspora ocorreu após terremoto ter atingido aquele país em janeiro daquele ano causando imensos danos políticos, sociais e econômicos à sua população. O Brasil, inserido na rota desse movimento migratório, precisou dar respostas rápidas uma vez que a base legal para suas medidas ainda estava atrelada à Lei 6.815/1980, do período do Regime Militar, e que era altamente restritiva aos fluxos migratórios internacionais (FERNANDES; FARIA, 2017). A saída encontrada pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg) foi a criação do Visto Humanitário, através da Resolução n. 97, de janeiro de 2012 (FERNANDES; FARIA, 2017). Através dessa medida, o haitiano ingresso em solo brasileiro passava a contar com acesso a diversos direitos como a documentação, por exemplo.

Naquele período, o fluxo de haitianos em ingresso no Brasil foi mais intenso na fronteira Brasil-Bolívia, envolvendo o Estado do Acre e o Departamento de Pando. As cidades de Brasiléia e Epitaciolândia, no Brasil, e Cobija, na Bolívia, por mais de cinco anos, foram profundamente atingidas pelo volume de migrantes

daquela nacionalidade, gerando estabelecimentos de tendas e acampamentos públicos, que chegaram a abrigar mais de mil pessoas durante vários dias, enquanto aguardavam a regularização documental (MAMED, 2016). Ponto de referência, esses acampamentos eram locais de desembarque diário de dezenas de haitianos que recém-ingressavam em solo brasileiro (MAMED, 2016). Atualmente, estimam-se em 70 mil haitianos portadores desse visto no Brasil.

Com o surgimento de uma grave crise econômica no Brasil a partir de 2016, um novo fluxo migratório de haitianos foi estabelecido. Desta vez eles estavam saindo do país em direção, principalmente, ao Chile, onde as normas legais para seus ingressos e as condições econômicas lhes eram bastante favoráveis. Isso fez com que aquele país se tornasse atraente, também, para haitianos oriundos de outros países, inclusive o de origem.

Contudo, a partir do início da segunda gestão do Presidente Sebastián Piñera em 2018, o governo chileno adotou novas políticas migratórias determinando que, a partir de agosto daquele ano, aqueles que não estivessem regularizados no país deveriam deixá-lo. Essa medida atingiu os haitianos em cheio, o que segundo alguns estudiosos era o objetivo a ser alcançado (MALDONADO, 2018), e os levou a um novo e intenso fluxo migratório. O destino prioritário para muitos deles foi o Brasil.

Pelo que conseguimos capturar em entrevistas e abordagens junto aos haitianos em Corumbá, pudemos observar que muitos deles estavam retornando ao Brasil, ao passo que outros estavam chegando pela primeira vez. Esse caminho em direção ao ingresso no país não compensava ser realizado como observado no início dos anos 2010, uma vez que o Acre estava demasiado distante do Chile e dos destinos no Brasil que mais interessavam: os estados do Sul e do Sudeste. Desta forma, outra fronteira envolvendo o Brasil e Bolívia foi escolhida como porta de ingresso em território brasileiro, a que envolve o Estado de Mato Grosso do Sul e o Departamento de Santa Cruz.

Devemos salientar que a presença de haitianos naquela fronteira não pode se marcada a partir desse movimento inaugurado em 2018. Dados da Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS) de Corumbá indicam importantes fluxos de imigrantes e refugiados que fazem uso da Casa de Passagem José Lins (Albergue). Levantamento realizado pela PMC no período de 2012 a 2014 indica a presença de 15 a 20 nacionalidades de cinco continentes por ano alojando-se naquela Casa. Entre eles estavam os haitianos que, embora com números pouco expressivos (dois por ano), mantinham-se constantes no ingresso do território brasileiro a partir daquela fronteira. Sua posição no centro do Continente sul-americano, na qual dispõe de quatro modais (aéreo, ferroviário, hidroviário e rodoviário), marca essa cidade como importante espaço no cenário migratório internacional, historicamente e na atualidade. A chegada dos haitianos, vindos do Chile, acentuou sua posição estratégica no continente. Embora o fluxo desse grupo de migrantes internacionais

não fosse uma novidade, a intensidade e o volume com que começaram a chegar causou severos impactos tanto nos segmentos administrativos, aos quais eles devem ser dirigidos para obter a autorização de ingresso regularizado, quanto no cotidiano de parcela da sociedade.

Naquele mês ingressaram cerca de 200 haitianos, forçando o MPF e a PF a buscarem soluções legais para um melhor atendimento, isto porque a lei que dava o visto humanitário a esse grupo de migrantes havia vencido o seu tempo de vigor. A saída encontrada por esses órgãos foi a emissão de notificação para que deixassem o país em sessenta dias caso não se regularizassem documentalmente. Consideramos que essa medida tornou possível que o fluxo se tornasse mais intenso, a partir das notícias que esses grupos de migrantes esparramavam pelas redes sociais, principalmente, via whatsapp.

A imprensa local noticiou a presença desse grupo de migrantes internacionais a partir da complexidade que eles carregam em todo o percurso até o Brasil. Destacavam a existência de coites que agenciavam seus percursos, as origens desse fluxo, e as formas como as autoridades locais lidavam com isso. Salientavam os esforços da PF em atender esse grupo, buscando dar celeridade, e investigar a presença desses agenciadores, buscando impedir suas atuações em território brasileiro (DIARIONLINE, 2018a).

Nos meses seguintes o fluxo aumentou significativamente, ao mesmo passo em que a PF dava sinais de não ter condições humanas de atender com a mesma rapidez com que eles chegavam. A medida adotada de atender 15 haitianos por dia, na sede da Delegacia, que funcionava de segunda-feira a sexta-feira não deu o resultado esperado. O resultado disso foi um represamento desses migrantes, que, conforme nos contaram, tinham que aguardar os agendamentos na PF, feitos pela internet, com prazos de até dois meses. O LEF trabalhou com a estimativa de 200 haitianos retidos na cidade a espera de atendimento nos meses de abril e maio, enquanto que em junho esse número chegou a 400. O Albergue, único espaço público com missão de dar acolhimento, não conseguiu abrigar tal volume, uma vez que sua capacidade é de 40 leitos, divididos, igualmente, entre homens e mulheres. A situação se tornou crítica, especialmente, pela incapacidade da municipalidade dar respostas no tocante ao acolhimento e da PF ao encaminhamento. Parcela da sociedade local, espontaneamente, deu sua parcela de contribuição para mitigar os efeitos daquele represamento.

Os meses de maio e junho foram os mais dramáticos, levando hotéis, notadamente os mais humildes, e algumas famílias a abrirem suas portas para dar a acolhida que as esferas de poder não conseguiam dar. Diversos foram os haitianos que tiveram que dormir no chão do terminal rodoviário e da estação ferroviária. Contabilizamos nove residências, uma ONG e três hotéis dando abrigo a haitianos, sendo que as vagas eram preferenciais para famílias e mulheres grávidas e/ou com crianças. A., que foi uma das pessoas que abriu suas portas para o acolhimento,

conta que ela e o esposo se sensibilizaram a partir de uma reportagem na emissora de TV local, onde aparecia uma família com criança sem ter onde dormir. Sua casa, durante seis meses, foi local de acolhimento de haitianos, sem que a família combrasse qualquer valor. A alimentação, os custos de energia e água foram pagos a partir de recursos próprios e doações advindas de pessoas anônimas. Ela contou que, embora não se arrependa do gesto que teve, se sentiu abandonada por membros da Igreja que ela faz parte e que as doações cobriam apenas parte das despesas.

O MPF e o Circuito iniciaram uma série de articulações junto à municipalidade visando a instalação e funcionamento do COMAIRA, medida aguardada desde a publicação do Decreto em 2016. De acordo com abordagens feitas junto a alguns de seus membros, foi possível constatar que esse coletivo entendia que esse colegiado seria capaz de promover algumas medidas que pudessem dar eficácia no acolhimento e atendimento aos haitianos. Foram feitas diversas reuniões com a SMAS, e foi nesse contexto de crise administrativa que a municipalidade implantou o COMAIRA, em março de 2018.

No dia 12 de abril foi realizada a primeira reunião do COMAIRA, tendo sua pauta dominada por medidas de cunho administrativo, como, por exemplo, a necessidade de elaboração de Regimento Interno, aprovado em reunião seguinte. Observando suas atas, podemos constatar que a principal missão era dar respostas para a situação que se agravava através da elaboração de um Plano Municipal de Atendimento, Acolhimento e Encaminhamento ao Imigrante, Refugiado e Apátrida em Corumbá, previsto no Decreto que o criou. Embora o Circuito não tenha sido contemplado com cadeira neste Comitê, seus idealizadores fazem parte representando a UFMS e a SMAS.

Em 03 de agosto de 2018 o MPF organizou e realizou uma Audiência Pública, com o objetivo de promover debate entre aquele e outros órgãos e a sociedade civil a respeito do atendimento aos haitianos “relacionados à garantia de estrutura para abrigo, assistência social, trabalho, saúde” àqueles grupos de migrantes internacionais (MPF, 2018, p. 03). As repercussões na mídia local foram em duplo sentido, por um lado, os conteúdos enfatizavam a necessidade de debater o assunto, por outro, as manchetes insinuavam que estaria ocorrendo tardiamente, como na matéria intitulada “Maioria dos haitianos já deixou Corumbá e MPF convoca audiência pública para debater situação” (DIARIONLINE, 2018b).

A realização da Audiência contou com a participação do Circuito, onde o Professor Maco Aurélio Machado de Oliveira apresentou seus estudos a respeito dos fluxos migratórios internacionais na cidade e propôs debater uma proposta de Plano Municipal de Atenção a esse público. Diferentemente do pensado no COMAIRA, naquela ocasião a proposta apresentada não estava circunscrita à administração municipal, devendo envolver todos os órgãos, de diferentes esferas do poder público, na formação de um gabinete de gestão. O frustrante, na opinião de

diversos membros do Circuito, foi que a proposta sequer foi posta em debate para a plateia por parte da mesa condutora da Audiência Pública.

O Circuito reelaborou sua proposta e a encaminhou ao COMAIRA, contendo três eixos para a confecção do referido Plano Municipal, que consiste em: Das Ações Emergenciais; Das Ações Permanentes; e, Dos Parceiros Estratégicos. Em síntese, a proposta visa dar articulações entre os diversos órgãos municipais já existentes, frisando ser desnecessária qualquer medida que onere as finanças municipais, criando novos cargos. O documento ressalta a condição fronteira de Corumbá, como espaço que proporciona “sociabilidades e flexibilidades”, lhe dá oportunidades de enfrentar os desafios impostos por fluxos como os dos haitianos de maneira mais solidária e com resultados mais efetivos no que concerne o acolhimento, em especial (CIRCUITO IMIGRANTE, 2018).

Em reunião ocorrida no dia 05 de setembro de 2018, o COMAIRA deliberou pelo acatamento da proposta do Circuito. Seus colegiados deliberaram pela realização de reuniões públicas para tratar do detalhamento da mesma. A Presidente do Comitê informou que a Prefeitura estuda a viabilização de espaço para o funcionamento de um abrigo para migrantes internacionais, visando atender demandas da sociedade. Consideramos esta reunião como um marco, no que tange às esferas administrativas, na discussão sobre a presença de imigrantes de passagem por Corumbá. Contudo, até o término desta Dissertação, o Comitê ainda não concluiu seus trabalhos de elaboração de detalhamentos das ações contidas nas propostas encaminhadas pelo Circuito.

3.2. Ações do Circuito.

A partir de 2017 o Circuito passou a promover ações e eventos buscando dar visibilidade à presença imigrante na fronteira, ao mesmo tempo em que buscou aprimorar alguns atendimentos. Novamente o Circuito se volta às suas ideias iniciais fincadas no MEF: interdisciplinar e profissional, além de acadêmico. Ao mesmo passo, seus integrantes começaram a debater, ainda de forma incipiente, a necessidade de o coletivo passar por reestruturações que lhe dessem maiores alcances em suas ações. Essa discussão, porém, foi pautada de forma fragmentada, sem que qualquer proposta mais efetiva fosse posta para deliberações. Entendemos que 2017 pode ser considerado como aquele no qual o Circuito ampliou e aprimorou suas propostas, suas metodologias e seus alcances.

Em 13 de maio daquele ano, o Colegiado do MEF aprovou a criação e implantação do Núcleo de Estudos de Trabalho e Cidadania de Imigrantes em Fronteira (Cidadania Imigrante), vinculado ao Circuito. Tratou-se de iniciativa de reestruturação do Circuito que buscava aperfeiçoar seus estudos e ações no sentido de valorização de meios que proporcionassem acesso dos imigrantes, refugiados e apátridas à documentação no Brasil (LOIO, 2018). Entendia-se que as dificuldades em acessar procedimentos protocolares dos órgãos que lidam com a questão documental, e que são feitos pelas vias digitais, criavam abismos intransponíveis a

esse grupo social. O Núcleo Cidadania Imigrante nasce com o propósito de mitigar esses danos, oferecendo acesso através de equipamentos do próprio Circuito. Este Núcleo tem sido responsável por diversas ações do Circuito, visando, principalmente, promover meios de acesso à uma vida cidadã em região de fronteira.

Ainda no mesmo ano foram iniciadas atividades do Circuito junto ao Centro Boliviano-Brasileiro 30 de Marzo (CBB), naquela cidade. A primeira consistiu em organizar o acervo histórico daquele espaço, buscando dar maior visibilidade a sua história, inaugurada em 1962. O acervo foi organizado e disponibilizado em sala específica para consulta. Desse trabalho resultaram algumas publicações que demonstrava o quanto ele estava distante das realidades dos imigrantes bolivianos oriundos do altiplano, e o quanto ele se dedicava a atender e acolher os originários da região de Santa Cruz de la Sierra (LOIO; MARINI; OLIVEIRA, 2017). A segunda atividade se ateve na perspectiva de construir naquele Clube referências para que aqueles que migraram a partir do altiplano pudessem ter ali o mesmo tratamento dado aos outros imigrantes bolivianos. Essa iniciativa foi frustrada, no entendimento de Loio, Marini e Oliveira (2017), por ali estarem reproduzidos conflitos étnicos pregressos na Bolívia, entre os do altiplano e os da planície, e que o Circuito não daria conta de amenizar seus efeitos.

A partir de 2017 o Circuito passou a organizar duas modalidades de eventos. Uma, intitulada **Simpósio: Imigrantes e Fronteira**, tem o perfil acadêmico de evento, com palestras, mesas redondas e debates abertos à comunidade em geral. Outra, com o nome de **Ação ao Imigrante**, é caracterizada por medidas de alcance direto a este público-alvo, onde mestrandos do MEF, participantes do Circuito, oferecem ações que buscam mitigar dificuldades no atendimento ou oferecimento de serviços, além de premiações a personagens ligadas ao fenômeno migratório internacional. Ambos os eventos passaram a ser considerados como permanentes e de periodicidade anual, sem a necessidade de serem concomitantes.

Naquele mesmo ano o Circuito organizou o **I Simpósio: Imigrantes e Fronteira**, que contou com palestras dos Professores Milton Mariani e Carlos Martins Júnior, da UFMS, e Marcela Brac e Maricel Martino, da Universidad de Buenos Aires. A participação de ambas as pesquisadoras foi possível graças ao Projeto **Fronteiras**, no âmbito do Programa 'Centros Associados para Fortalecimento da Pós-Graduação' (CAFP), financiado pela CAPES. Naquele evento foram debatidos impactos das presenças de bolivianos, em Corumbá, no Brasil, e de Cabo-verdianos, em Buenos Aires, na Argentina. Com formato acadêmico, sua proposta era realizar atualizações conceituais, especialmente, a partir das pesquisas que fazem uso da técnica de captura da oralidade, particularmente da História Oral. De acordo com Loio (2018), buscou-se estruturar esses procedimentos, visando a formação de banco de entrevistas, de livre acesso a pesquisadores e outros interessados. Esse banco está em formação, no âmbito do Núcleo Cidadania Imigrante, ligado ao Circuito. Um dos principais resultados dos debates ocorridos

neste evento foi publicação de relevante capítulo de livro, no qual a oralidade das imigrantes bolivianas ganha destaque nos procedimentos metodológicos para compreender suas presenças em região de fronteira (OLIVEIRA; MARIANI; LOIO, 2018).

Concomitantemente ao **Simpósio**, ocorreu a **I Ação ao Imigrante**, cujos principais atores promotores dessa ação eram alunos do MEF que estavam em aplicação de pesquisa em dois lugares específicos: Escola Municipal Padre Ernesto Sassida (CAIC), localizado próximo ao limite com a Bolívia; e no CBB. O eixo de ambas as ações era a questão documental, que na primeira delas consistia em realizar agendamento para confecção de RG por parte de alunos brasileiros que residem na Bolívia (CURTO, 2018). Essa é uma realidade muito vívida naquela fronteira, impactando as vidas daqueles meninos e meninas naquela escola (GOLIN, 2017). Na outra, através da disponibilização de meios digitais e de comunicação impressa distribuída em feira livre na cidade, buscava-se orientar as formas de proceder para que bolivianos pudessem se regularizar documentalmente, através da Carteira de Registro Nacional Migratório (CRNM), na modalidade 'Fronteiriço'. Com essa ação buscava-se, também, aferir o alcance que o CBB possuía enquanto espaço de representação social dos bolivianos (MARINI, 2018), e o grau de eficiência que o Núcleo de Cidadania ao Imigrante teria (LOIO, 2018). Os resultados dessa Ação coincidiram com aqueles obtidos através das iniciativas de aproximação do Circuito com aquele espaço, naquele mesmo ano.

Em 2018, ocorreu a segunda edição do **Simpósio**, com palestras dos Professores Doutores Milton Mariani, Carlo Henrique Golin e Antônio Firmino de Oliveira Neto. O eixo temático foi, novamente, a questão da oralidade nas pesquisas com migrantes internacionais, desta vez com ênfase na inserção do cotidiano como categoria de análise do conteúdo capturado nas entrevistas. Também foi abordado o uso do recurso Iramuteq como instrumental de organização de entrevistas. O uso desse recurso tem sido incorporado às pesquisas desenvolvidas no MEF e concernentes ao Circuito, proporcionando, graficamente, melhores visualizações dos conteúdos apreendidos nas entrevistas.

A novidade nesta segunda edição do **Simpósio** foi a inclusão de apresentações de trabalhos de alunos do MEF com suas discussões inerentes às pesquisas que cada um desenvolvia. Assim, Renata Papa, Jéssica Canavarro Oliveira, Luiz Gonzaga da Silva Júnior e Ana Maria dos Santos Silva, puderam debater o andamento de seus estudos e dialogar a respeito dos aprimoramentos de suas propostas de ação. Podemos verificar que, embora o Circuito tenha uma raiz propositiva de intervenção em ambientes profissionais, principalmente, através de capacitações, o seu lado acadêmico tem sido bastante evidenciado.

Ainda naquele ano, foram aprofundadas as discussões a respeito da estrutura do Circuito e da necessidade de reestruturá-lo. Havia, entre seus membros, o entendimento de que o número de participantes deveria ampliado, obedecendo a

uma ideia de que os alcances das ações e eventos deveriam ser alargados. Tal alargamento deveria ocorrer tanto em relação ao público atingido quanto nas temáticas a serem abordadas, novamente, relacionadas às tipologias da migração internacional em fronteira: permanentes, pendulares e de passagem. Neste sentido, a feminização da migração internacional ganhou destaque, especialmente após a defesa de Dissertação de Loio (2018).

3.2.1. O Circuito e a Feminização das migrações internacionais: desafios nas ações e reestruturações.

Em outubro de 2017 fizemos parte de reunião do Circuito para elaborar a **II Ação Ao Imigrante**. Partimos de uma ideia na qual havia a necessidade de produzir um evento que tivesse impacto positivo e que dissesse respeito a presença deles em Corumbá enquanto geradores de emprego e renda, objetivando desmistificar preconceitos de que eles estariam na cidade apenas para tirar proveito, dando poucas contribuições. Propusemos que fosse considerada a presença feminina nesse contexto, dando-lhes visibilidades e reconhecimentos por suas trajetórias.

Desta forma, a proposta coletivamente construída foi a de homenagear mulheres imigrantes que tivessem histórico de superação a frente de seus empreendimentos, e que exercessem papel protagonista nos negócios. Essa proposta ganhou corpo ao fazermos um rápido levantamento no qual constatamos a quantidade de mulheres naquelas condições, bem como a variedade de nacionalidades que elas representavam. Foi nesse contexto que o coletivo decidiu pela criação de um prêmio intitulado **Mulheres Imigrantes Empreendedoras em Corumbá, MS**. Nossa preocupação era não nos atermos apenas àquelas que tiveram um histórico de sucesso em seus empreendimentos, com lojas comerciais, restaurantes e lanchonetes consolidadas na cidade. Buscamos, também, aquelas que desenvolvem suas atividades como feirantes, ambulantes e microempreendedoras. Assim, mulheres a frente dos negócios, que representassem a variedade de nacionalidades, bem como de atividades às quais estão ligadas foram os critérios de escolha das homenageadas.

Foi decidido, também, que a **II Ação** deveria ter uma discussão sobre a feminização e os novos fluxos migratórios inaugurados naquele ano, bem como seus impactos nos diversos segmentos da sociedade e da administração pública que atuam com esse grupo social. Desta forma, a programação da **II Ação** ficou dividida da seguinte forma: às 14 horas, ocorreu mesa-redonda composta pelo Prof. Marco Aurélio M. de Oliveira, pelo Padre Marco Antonio Ribeiro (Pastoral da Mobilidade Humana), Renata Papa (Mestranda em Estudos Fronteiriços e da SMAS) e a Mestre em estudos Fronteiriços Joanna Loio; às 19 horas, ocorreu a entrega das homenagens às mulheres selecionadas (Imagem XX).

Imagem 08 – Convite em formato digital para a realização da **II Ação ao Imigrante**.



Fonte: Acervo Circuito.

O próximo passo foi a definição das homenageadas que foram selecionadas a partir de uma lista elaborada pelos membros do Circuito, obedecendo àqueles critérios. Assim, 8 mulheres, representando 6 países, foram escolhidas para receber a homenagem. Paralelamente, foram selecionadas as mulheres que entregariam os prêmios, sendo que o destaque seria dado àquelas cujas rotinas envolvem a presença de mulheres imigrantes das mais variadas formas. Assim, foram selecionadas e convidadas personalidades que desempenham suas atividades na questão da acolhida aos migrantes internacionais, na promoção cultural, na justiça e no Ministério Público Federal (MPF).

Partimos para a definição de etapas de preparação do evento. Inicialmente foram realizadas visitas a cada uma das homenageadas, convidando-as para a solenidade, buscando enfatizar o reconhecimento à história de cada uma, que seria brevemente contada no momento da entrega da homenagem. Isso, ao mesmo tempo em que fazíamos o mesmo tipo de visita às mulheres que entregariam os certificados, enquanto nós os confeccionávamos. A escolha do local, da data, do horário e da duração do evento obedeceu às disponibilidades que elas tinham, uma vez que entre elas havia portadora de necessidades especiais, com uso de cadeira de rodas e horários específicos para refeições e repouso. Assim, a data de consenso foi 11 de dezembro, com início às 19 horas, e término às 20h30min no Auditório da Unidade III da UFMS em Corumbá. Estávamos centrados na necessidade de respeitar as diversas demandas de cada personalidade convidada, portanto obedecendo com rigor os horários estabelecidos. Outro aspecto bastante relevante foi quanto a decisão de que o palco seria ocupado, exclusivamente, por mulheres, incluindo o cerimonial.

Quadro 1 – Mulheres imigrantes empreendedoras homenageadas na II Ação ao Imigrante, promovida pelo Circuito Imigrante.

Nome	Nacionalidade
Clara Lito	Portugal
Randa Robin	Líbano
Anúncia Gimenez Ayala	Paraguai
Betty Arteaga Salvatierra	Bolívia
Dolly Urquizo	Bolívia
Lilian Carmen Bermejo	Peru
Dhahabiya Munhammad	Palestina
Maria Elizabeth Andaluz Gutierrez	Bolívia

Fonte: Circuito Imigrante (2018)

Quadro 2 – Personalidades que fizeram a entrega das homenagens às Mulheres Imigrantes Empreendedoras, na II Ação ao Imigrante, promovida pelo Circuito Imigrante.

Nome	Atividades na cidade
Deyse Mendes Braga	Gerente da Casa de Passagem José Lins (Albergue)
Maria Olívia Junqueira	Procuradora da República (MPF)
Luiza Figueiredo	Juíza de Direito (TJMS)
Wanessa Rodrigues	Promotora de Cultura

Bianca Machado	Diretora de Teatro
Marcelle Saboya	Promotora de Cultura (SESC)
Enilda Barbosa Ripari	Proprietária de Hotel el Shaday, que muito colaborou no acolhimento aos haitianos em 2018 e 2019.
Márcia Rolon	Dirigente do Moinho Cultural

Fonte: Circuito Imigrante (2018)

A **II Ação** ocorreu dentro das expectativas, sem quaisquer tipos de contratempo. A mesa-redonda produziu debates com a plateia, buscando aprimorar o entendimento a respeito das novas correntes migratórias estabelecidas naquela fronteira (Imagem XY). Tais reflexões serviram de base para as propostas que foram debatidas a respeito da necessidade reestruturação do Circuito, com, por exemplo, a necessidade de elaboração de projetos de ação com especificidades do ambiente profissional em que o migrante internacional é atendido e/ou acolhido.

Imagem 09 – Mesa-redonda integrante da programação da **II Ação ao Imigrante**.



Fonte: Acervo Circuito.

A entrega das homenagens a mulheres imigrantes gerou muitas emoções (Imagem 10). O protocolo que estabelecemos consistia na abertura para uso da palavra, tanto das mulheres que entregaram quanto das que receberam as homenagens, e isso produziu um ambiente mais confortável e com resultados vibrantes.

Imagem 10 – Mulheres imigrantes homenageadas, mulheres que entregaram as homenagens e alguns membros do Circuito Imigrante.



Fonte: Acervo Circuito.

Podemos considerar que II Ação ocorreu dentro do esperado, produzindo reflexões a respeito dos fluxos migratórios internacionais na região, bem como o reconhecimento da relevância da presença feminina à frente dos negócios da família, assegurando-lhes estabilidades econômicas e familiares. Contudo, nas reuniões avaliativas do evento as autocríticas estiveram centradas no alcance da proposta, uma vez que, no ato da entrega das homenagens, por exemplo, a plateia era composta, fundamentalmente, por familiares e membros do Circuito. Ou seja, a proposta de reconhecer a importância das mulheres no processo de estabilização do fluxo, que inclui o sustento da família, foi alcançado apenas no que tangeu às mulheres homenageadas, que se sentiram valorizadas. Sendo que segmentos importantes da sociedade poderiam estar presentes para disseminar uma ideia plantada no evento. Assim, as preocupações foram canalizadas para os futuros eventos do coletivo, nos quais a definição de um público-alvo, da mesma forma que a construção de estratégias de divulgação, devam fazer parte da estrutura de suas organizações. Também foi decidido que o Circuito passaria por uma reestruturação no ano seguinte, na qual deveria constar a ampliação de seus participantes e sua divisão em segmentos.

Em 14 de fevereiro de 2019 foi realizada a primeira reunião do Circuito do corrente ano, na qual a pauta fora construída no sentido de reestruturá-lo, e foram muitas as novidades. A primeira delas foi a mudança do nome do coletivo, que antes era chamado Circuito de Apoio ao Imigrante, passou a ser denominado Circuito Imigrante. Tal mudança foi no sentido de ampliação das ações do coletivo que não se restringirá mais ao apoio aos órgãos que o compõe, como anteriormente. A ampliação de seus participantes foi deliberada a partir do ingresso do Moinho

Cultural, da Cia Maria Mole, da Editora Cartonera Maria Preta, do Instituto de Identificação de MS, da Faculdade Salesiana de Santa Teresa e alunos da graduação e do MEF. Foi deliberada a mudança na logo do Circuito que fora elaborada Alcino Vernochi, um de seus membros (Imagem 11). Foi deliberada a segmentação do coletivo em três Grupos de Trabalho (GTs): Instituições, Cultura e Mulher. Este último, resultado de proposta nossa, teve seu nome definido no singular, para que seja possível reconhecer Mulher enquanto condição e não apenas sexo.

Imagem 11 – Logo do Circuito Imigrante, a partir de fevereiro de 2019.



Fonte: Acervo Circuito.

Foi a partir de uma sugestão do GT Cultura que o coletivo começou a planejar a execução da **Feira do Imigrante**. Foi um evento que contou com a colaboração da SMAS, da PMH e do Moinho Cultural, além de uma coesa participação dos membros do Circuito (Imagens 12 e 13). Durante a preparação da **Feira** o primeiro ponto a ser debatido era relacionado ao local do evento, uma vez que na mesma época estaria ocorrendo na cidade os festejos de São João, maior festa religiosa de Corumbá. As preocupações em evitar concorrência com aqueles festejos levaram parte da equipe a propor que a mesma fosse realizada no estacionamento do Terminal Rodoviário, local de intenso trânsito de migrantes internacionais. Contudo, após a negativa da Fundação de Turismo do Pantanal, órgão responsável por aquele espaço, foi decidido que a **Feira** seria realizada na Praça da Independência, mais conhecida como Jardim, no centro da cidade, das 09 horas às 14 horas do dia 22 de junho. Essa data foi escolhida em alusão à Semana do Migrante e do dia Nacional do Migrante (25 de junho).

Este evento contou com a participação de 6 barracas, com imigrantes bolivianos, paraguaios e portugueses, além do Coletivo “No caminho do Bem”, vendendo seus produtos. Ocorreram apresentações musicais (Imagem 14) e de

dança (Imagem 15), de poesia (Imagem 16) e depoimento de imigrante (Imagem 17). Concomitante à realização da **Feira**, parte dos membros do Circuito fazia panfletagem na esquina da rua Frei Mariano com a rua Dom Aquino, buscando dar visibilidades ao evento. Conforme foi apurado entre os membros do Circuito, no correr da realização do evento, a **Feira** foi considerada como um sucesso tanto no alcance desejado, uma vez que foi estimado em cerca de 200 pessoas que pararam para assistir as apresentações, consumir os produtos oferecidos e conversar com os organizadores e participantes, quanto na estrutura obtida para sua efetivação. Importante citar que as parcerias com a SMAS, APAE e Exército Brasileiro proporcionaram as barracas, os materiais de panfletagem e divulgação midiática.

Imagem 12 – Parte da equipe executora da **Feira do Imigrante**.



Fonte: Acervo Circuito.

Imagem 13 – Panfletagem na esquina das ruas Frei Mariano e Dom Aquino.



Fonte: Acervo Circuito.

Imagem 14 – Apresentação musical Moinho Cultural



Fonte: Acervo do Circuito

Imagem 15 – Apresentação do Corpo de Dança do Moinho Cultural.



Fonte: DIAS, C. (2019), Acervo do Circuito

Imagem 16 – Apresentação da Cia Maria Mole



Fonte: DIAS, C. (2019), Acervo do Circuito

Imagem 17 – Depoimento de Antar Mohammed.



Fonte: Acervo Circuito

No momento de encerramento desta Dissertação o Circuito encontra-se em fase de avaliações sobre a realização da **Feira do Imigrante**. Desta vez, além dos horários e locais possíveis de realização, debate-se a periodicidade da mesma, uma vez que a sua realização foi considerada satisfatória como espaço de difusão cultural e conscientização sobre as presenças de imigrantes em região de fronteira. Estamos verificando junto ao GT Mulher a melhor forma de abordar a feminização da migração internacional no decorrer da **Feira**.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta Dissertação é fruto de pesquisa que se dedicou ao estudo sobre a presença de mulheres bolivianas à frente de atividades comerciais no bairro Popular Nova, em Corumbá, MS. Neste sentido, o objetivo central desta pesquisa foi analisar as relações estabelecidas pelas práticas solidárias de bolivianas lojistas no bairro Popular Nova, em Corumbá, MS, como as de vizinhança e a existência de redes. Ou seja, a espacialidade foi categoria de análise presente em todos os procedimentos metodológicos que adotamos. A presença imigrante feminina em fronteira foi uma junção de elevadas complexidades.

No que diz respeito aos procedimentos para a coleta de dados, importante grifar que realizamos entrevistas com essas mulheres bolivianas durante o desenvolvimento de suas atividades comerciais, independente do dia da semana. A transcrição dessas entrevistas, bem como a sua aplicação de representações gráficas no formato de nuvens, através da ferramenta Iramuteq, nos proporcionou a compreensão das formas como foram e são construídos os laços familiares e de vizinhança até a formação de redes de solidariedade.

Através dos conteúdos capturados durante realização desta pesquisa, pudemos interpretar que na fronteira em estudo o conceito de feminização da imigração evidencia a perspectiva da transformação de alguns aspectos do perfil da mulher migrante. Queremos dizer com isso que elas têm assumido papéis protagonistas, não apenas no processo migratório internacional, mas, sobretudo, na organização dos negócios e na dinâmica familiar, embora a tripla jornada de trabalho (mãe, esposa e comerciante) ainda esteja muito evidente em suas rotinas. Isso ficou bastante evidente quando uma das entrevistadas narrou as formas como ela teve que se adaptar após o abandono de seu marido, sem que afetasse a estabilidade no processo migratório dela. Ou seja, a permanência no Brasil foi encarada como a melhor alternativa que ela dispunha para garantir a sobrevivência da família. Da mesma forma, a imigrante pendular, enquanto nos atendia na entrevista, cuidava de sua filha, que fica sob seus cuidados enquanto trabalha.

Importante salientar que a existência de laços históricos construídos na vizinhança evidencia a relevância de fazer uso da História Oral, como instrumental

de captura de dados que fontes documentais não dão conta. A História Oral nos possibilitou reconstruir uma parte da história de Corumbá, que se encontrava apenas nas memórias dos seus moradores no Bairro Popular Nova. Foi através deste recurso que conseguimos identificar os mosaicos sociais que compreendem a formação de relações de solidariedade de vizinhança, bem como de alguns conflitos, especialmente os ligados às origens delas. Pudemos perceber que a existência de manifestações de preconceitos as tornou mais coesas na busca pela sobrevivência, reforçando, em alguns casos os elos de solidariedade já existentes.

Naquele espaço foi possível compreender como as relações de vizinhança deram a essas imigrantes bolivianas melhorias nas percepções sobre o ambiente, bem como na qualidade de vida. Falamos isso através da leitura que fizemos sobre as formas que as outras mulheres cooperavam com elas, ajudando nos cuidados dos filhos, por exemplo.

Compreendemos que a existência de laços entre vizinhanças não pode ser entendida apenas por aquelas que possuem presença mais remota naquele Bairro. Algumas de nossas entrevistadas, com menos tempo naquele espaço, também conseguiram construir relações, pelas vias de crédito ou de amizade com aqueles moradores. Mesmo a imigrante pendular, portanto com vínculos mais detidos nas práticas comerciais e menos contatos com a vizinhança, mantém contatos com eles, mesmo que poucos. Neste caso, pudemos perceber o quanto a questão idiomática é relevante tanto para o processo de crescimento no comércio quanto para o estabelecimento de vínculos mais profundos.

A fronteira em que elas vivem não lhes passa despercebida. Pudemos perceber que elas possuem uma ideia a respeito desse espaço, seja através das facilidades em adquirir produtos, seja pela proximidade com o país de origem. A fronteira lhes oportuniza o comércio como atividade econômica principal dando-lhes condições contraditórias, uma vez que, por um lado, lhes garante alternativas ao longo das trajetórias de migração, mas, por outro, lhes impõe precariedades inerentes à situação documental, de si mesmas e do negócio.

O Circuito, em nosso entendimento, é uma importante novidade trazida em 2015. Foi através desse coletivo que alguns docentes da UFMS passaram a construir ações de forma a contribuir para a construção de uma nova mentalidade naquela sociedade quanto à presença deles. O Circuito é uma importante ferramenta para diminuir distâncias entre os órgãos que atuam com esse grupo

social. Mas, talvez, uma das mais importantes características desse coletivo esteja em suas constantes reavaliações para adequar-se frente às novidades trazidas pelos fluxos migratórios, sejam os mais recentes, como os haitianos, ou aqueles que possuem status de consolidados, como os bolivianos.

Através deste movimento de reflexão foi possível construir espaços destinados à presença feminina, buscando dar a elas a relevância de uma categoria de análise específica. Esse movimento permitiu ao Circuito promover ações dirigidas a esse público, além de, paralelamente, ter iniciado estudos visando uma conceituação da feminização das migrações internacionais em fronteira. As Ações promovidas pelo Circuito têm buscado dar visibilidade a essas mulheres, embora com as definições de públicos-alvo e de alcances desejados ainda em fase de avaliação. A homenagem às mulheres imigrantes empreendedoras, em nossa avaliação, é uma ação muito importante que o Circuito promoveu em direção à valorização da presença feminina naquela fronteira.

Um dos aspectos mais críticos que encontramos na organização do Circuito foi a geração de documentos, sejam os de rotina administrativa, como atas, sejam os de conteúdo conceitual, como as definições de Ações, seus critérios, objetivos, alcances e referenciais. Esse é um aspecto que vem sendo enfrentado a partir de 2019, quando da reestruturação a que o Circuito se submeteu. A preocupação central tem sido garantir a geração de documentos de forma mais rotineira e, administrativamente, com meios de disponibilizá-los ao público.

Outro aspecto que merece ser destacado é a criação de base de dados, através de conteúdos capturados em entrevistas e de acervo fotográfico oriundo de experiências de membro do coletivo. Essas são duas importantes novidades, pois concomitante à geração de documentos conceituais, a disponibilização de dados é a mais importante ferramenta de acesso público que o coletivo tem a oferecer.

REFERÊNCIAS

- ACNUR. **Global Trends. Forced Displacement in 2017**. Genebra, Suíça, 2018.
- ALBA, F.; CASTILLO, M. A.; VERDUZCO, G. **Los grandes problemas de México. Tomo III. Migraciones Internacionales**. México, D. F.: Colégio de México, 2010.
- ALBUQUERQUE, L. J. A Dinâmica das Fronteiras: os brasiguaios entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010.
- ALMANAK LAEMMERT. Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1903, pp. 292-295. Disponível em <
<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=21558&url=http://memoria.bn.br/docreader#>> Acessado em 01 de fevereiro de 2019.
- ANTEBY-YEMINI, L. **Migrations africaines et nouveaux enjeux de la frontière israélo-égyptienne**. In : Cultures & Conflicts, Paris, n. 72, pp. 77-99, 2008.
- APPEL-SILVA, M.; WENDT, G. W.; ARGIMON, I. I. L. A teoria da autodeterminação e as influências socioculturais sobre a identidade. In: **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v. 16, n. 2, pp. 351-369, agosto de 2010.
- ARRONI, M. G. "Vulnerabilidad, riesgos y derechos humanos en los proyectos migratorios femeninos". In: **Derechos humanos y flujos migratorios en las fronteras**, UNESCO/Secretaría de Relaciones Exteriores/ Universidad Iberoamericana/UNAM, 2003.
- ARTOLA, J. Migraciones y procesos de integración en América del Sur. In: TELLES, M. E.; PIÑEIRO, R. C. **Migraciones Internacionales: Crisis y Vulnerabilidades**. Tijuana, México, El Colegio de La Frontera Norte, 2014, pp. 357-384.
- BENAVIDES, G. **Mujeres Inmigrantes en Ecuador: género y derechos humanos**. Quito, Ecuador, Universidad Andina Simón Bolívar, Corporación Editora Nacional, 2015.
- BETTS, A.; BLOOM, L.; KAPLAN, J.; OMATA, N. **Refuged Economies: forced displacement and development**. Oxford, United Kingdom, Oxford University Press, 2017.
- BOURDIEU, P. "A Ilusão Biográfica". Trad. de Luiz Alberto Monjardim et alli In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (orgs.) **Usos & Abusos da História Oral**. 4ª Edição. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2001, pp. 183-192.
- BOYD, M; GRIECO, E. **Women and Migration: Incorporating gender into international migration theory**. Migration Policy Institute. Washington, 2003.

BRIDIKHINA, E. “La frontera boliviano-brasileña en construcción (principios del siglo XX). Los conflictos territoriales, fiscales y legales. La Columna Prestes en el territorio boliviano”. In: **Memorias. Revista Digital de Historia y Arqueología desde el Caribe Colombiano**. Barranquilla, Colombia, n. 26, 2015, pp. 322-359.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, 2013, p. 513-518.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, A. T.; TONHATI, T. (Orgs.) A Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro. Brasília: **Cadernos do Observatório das Migrações Internacionais**, 2015.

CHATOU, Z. “La inmigración magrebí en Francia y el problema de la ciudadanía”. In: **RIFP**, Paris, nº 11, 1996, pp. 31-45.

CIRCUITO IMIGRANTE. Plano Municipal de Atendimento, Acolhimento e Encaminhamento ao Imigrante, Refugiado e Apátrida em Corumbá, MS. Corumbá, MS, 2018.

CORRÊA, Jaqueline M. **O Mestrado Profissional em Estudos Fronteiriços em perspectivas de inserção social: avaliações sobre a implantação do Circuito de Apoio ao Imigrante**. Dissertação de Mestrado em Estudos Fronteiriços. UFMS/CPAN, 2016. 89 p.

CORRÊA, L. S. Corumbá: o Comércio e o Casario do Porto (1870-1920). In: CORRÊA, V. B. **Casario do Porto de Corumbá**. Campo Grande, Fundação de Cultura de MS; Brasília, Gráfica do Senado, 1985, pp. 23-57.

COSTA, G. V. L. “Os Bolivianos em Corumbá-MS: conflitos e relações de poder na fronteira”. In: *Mana*, v. 21, n. 01, pp. 35-63, 2015.

DE HAAS, Hein. *Mobility and Human Development*. London, UNDP, 2009.

_____. *Migration and development: a theoretical perspective*. In: **International Migration Institute**. University of Oxford, 2010.

DESA (Department of Economic and Social Affairs, Population Division/United Nations). **Trends in International Migrant Stock: The 2017 Revision**. United Nations database, POP/DB/MIG/Stock/Rev., 2017.

DIARIO DE CORUMBÁ. “Compras na Bolívia é Assunto na Câmara”. Corumbá, MT, 19 de junho de 1975.

DIARIONLINEb. “Maioria dos haitianos já deixou Corumbá e MPF convoca audiência pública para debater situação”. Corumbá, MS, 23 de julho de 2018. Disponível em <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=103940> Acessado em 19 de julho de 2019.

DUARTE, R. Entrevistas em Pesquisas qualitativas. In: *Educar*, Curitiba, n. 24, 2004, pp. 213-225.

FERNANDES, D.; FARIA, A. V. O visto humanitário como resposta ao pedido de refúgio dos haitianos. IN: Revista Brasileira de Estudos Populacionais, Belo Horizonte, v. 34, n. 1, pp. 145-161, 2017.

GREIBER, B. L.; MALUF, L. S.; MATTAR, V. C. **Memórias da Imigração: libaneses e sírios em São Paulo**. São Paulo, Discurso Editorial, 1998.

GOLIN, C. H. **EDUCAÇÃO FÍSICA NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA: uma análise intercultural de uma escola pública no município de Corumbá-MS/Brasil**. Tese de Doutorado. Universidade Católica de Brasília, PPG Educação Física, 2017, 239 pp.

GOMES, C. H. R. **Violência Doméstica contra a Mulher em Região de Fronteira, Brasil/Bolívia, na cidade de Corumbá-MS, Aspecto Jurídico, Cultural e Social**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços, UFMS/CPAN, 2011. 111p.

HOMBRADOS-MENDIETA, I.; GOMEZ-JACINTO, L.; DOMINGUES-FUENTEZ, J. M.. “The impact of immigrants on the sense of community”. In: **Community Psychology**, v. 37, n. 06, pp. 671-683, 2009.

JACOBSON, D. **Rights Across Borders: Immigration and Decline of Citizenship**. Baltimore, Maryland, USA, The Johns Hopkins University Press, 1997.

JARDIM, Denise, F. **Imigrantes ou refugiados? Tecnologias de Controle e as Fronteiras**. Jundiaí, Brasil: Paco Editorial, 2017.

JOUTARD, P. “Desafios à História Oral no Século XXI”. In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (orgs.) **História Oral: Desafios para o Século XXI**. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, Fundação Getúlio Vargas, 2000, pp. 31-46.

KARASZ, A. Cultural differences in conceptual models of depression. In: Social Science and Medicine, vol. 60, n. 07, April de 2005, pp. 1625-1635.

KOIFMAN, F. **Imigrante Ideal: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.

LOIO, J. A. M. **Dinâmica Laboral, Pendularidade e Situação Documental em Fronteira na Perspectiva da Criação e Implantação do Núcleo de Cidadania Imigrante: Mulheres Bolivianas nas Feiras Livres de Corumbá, MS, Brasil**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços, UFMS/CPAN, 2018. 117p.

LOIO, J. A. M.; MARINI, J. F. M.; OLIVEIRA, M. A. O. “Imigrantes Bolivianos da Planície e do Altiplano em Região de Fronteira: Distinções Progressas em Solidariedade Seletiva”. In: In: Geopantanal, número especial, pp. 219-232, 2017.

MACHADO, L. O. Limites, Fronteiras e Redes. In: T. M. Strohaecker et al (Org). **Fronteiras e Espaço Global**, AGB-Porto Alegre, Porto Alegre, 1998.

MACHADO, L. O. “Estado, territorialidade e Redes. Cidades-Gêmeas na Zona de Fronteira Sul-Americana”. In: **Continentes em Chamas. Globalização e Território na América Latina**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005, pp. 246-284.

MAIA, M. C. F. **Um Marco para a Liberdade: “Pedra Branca”. Cativos na Fronteira de Corumbá (Br)/Puerto Suarez (Bo). Século XIX**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2014.

MALDONADO, P. A. L. **CRÓNICAS DE MIGRANTES HAITIANOS: Chile, ¿país de oportunidades?** Santiago, Chile, Universidad de Chile, 2018.

MAMED, L. H. A Morfologia da Imigração Haitiana pelo Acre e o Horizonte da Inserção Precarizada no Brasil. In: **Ruris**, Campinas, v. 10, n. 01, pp. 73-112.

MARINI, J. F. M. **Implantação e Transferência da Unidade de Atendimento ao Imigrante Boliviano Indocumentado Junto ao Núcleo de Estudos de Trabalho e Cidadania de Imigrante em Fronteira (MEF/UFMS) em Parceria com o Centro Boliviano-Brasileiro 30 de Marzo**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços, UFMS/CPAN, 2018. 152 p.

MARINUCCI, Roberto. “Feminization of migration?” In: **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília: Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, v. 15, n. 29, dez. 2007.

MOURÁN, M. L. “Jovenes, Inmigración y Aprendizajes de la Ciudadanía”. In: **Revista Estudios de la Juventud**, Madrid, nº 60, 2013, pp. 33-47.

MINAYO, M. C.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? In: **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol. 09, n. 03, 1993, pp. 239-262.

O MOMENTO. “Associação Comercial questiona o comércio com a Bolívia”. Corumbá, MT, 17 de junho de 1975.

OLIVEIRA, C. R. **Migrações e Práticas Comerciais na Fronteira Luso-Espanhola: o caso do povo Chiquitano após a expulsão dos jesuítas da Chiquitania (1767-1789)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2014.

OLIVEIRA, M. A. M. “Imigrantes em Região de Fronteira: uma condição infernal”. In: OLIVEIRA, M. A. M. (org.) **Guerras e Imigrações**. Campo Grande, Editora da UFMS, 2004, pp. 189-203.

_____. **“O mais importante era a raça”: sírios e libaneses na política em Campo Grande, MT.** Tese de doutorado. F.F.L.C.H., Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

_____. “O ambiente fronteiriço: traços intangíveis e realidades sinuosas”. *Revista GeoPantanal*, UFMS/AGB, Corumbá, MS N. 21, 13-22 Jul./Dez. 2016.

_____. “Novos Elementos Teóricos-Metodológicos para Estudos Migratórios em Fronteira”. In: **Revista Brasileira de Estudos de População**, Belo Horizonte, v. 35, n. 03, pp. 01-05, 2018.

OLIVEIRA, Marco A. M.; CAMPOS, Davi L. Imigrações e Instituições de Fronteira: Bolivianos em Corumbá, MS. In: **Revista Direitos Culturais**, V. 10, n. 20, 2015, pp. 47-58.

OLIVEIRA, M. A. M.; CORRÊIA, J. M.; OLIVEIRA, J. C. “Imigrantes Pendulares em Região de Fronteira: semelhanças conceituais e desafios metodológicos”. In: **Revista Direito Cultural**. Santo Ângelo, v. 12, n. 27, pp. 91-108, 2017.

OLIVEIRA, M. A. M.; MARIANI, M.; OLIVEIRA, J. C. “Imigrantes em rede na Fronteira: o caso de comerciantes bolivianas em Corumbá, MS, Brasil”. In: **Geopantanal**, número especial, pp. 233-246, 2017.

OLIVEIRA, M. A. M.; PAPA, R. M. Fronteira e Imigrantes em Perspectivas de Comunidades de Prática. In: **Artciência**, Lisboa, Portugal, Ano 10, ns. 20-21, pp. 01-12.

OLIVEIRA, M. A. M.; MARIANI, M.; LOIO, J. A. M. S. “Imigrações Pendulares: um estudo sobre bolivianas na fronteira Brasil-Bolívia” In: BAENINGER, R.; CANALES, A. (orgs.) **Migrações Fronteiriças**. Campinas, SP, Núcleo de Estudos da População “Elza Berquó” – NEPO/UNICAMP, 2018, pp. 504-513.

OLIVEIRA, M. A. M.; JUNQUEIRA, N. M. **Representações sociais de sírios e libaneses em Corumbá, MS: comércio, casamento e cemitério**. In: *Revista Transporte y Territorio*. Buenos Aires, n. 15, pp. 388-403, 2016.

OLIVEIRA, T. C. M.; ESSELIN, P. M. “Localizando as Condições Pretéritas e as relações Correntes na Complexa Fronteira Brasil-Bolívia”. In: *Geosul*, Florianópolis, v. 30, n. 60, pp. 125-163, 2015.

PAYNE, W. **Etiquetas Negativas: Pasadizos y Prisiones**. In: **Estigmatización y Conducta Desviada**. Criminología. Centro de Investigaciones Criminológicas de la Universidad de Zulia, 1973.

PERES, R. G.; SOUCHAUD, S.; BAENINGER, R. “Mulheres na fronteira Brasil-Bolívia: primeiros resultados”. In: *Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, realizado em Caxambu- MG – Brasil, 2008, pp. 01-17.

PERES, R. G. “As mulheres na migração internacional: As diferenças nas estratégias de homens e mulheres ao longo da trajetória migratória”. XIV **Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, ABEP, Caxambu - MG, 2004. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1462/1427>> Acesso em: 18 de agosto de 2017.

_____. “A Presença Boliviana em Corumbá, MS: a construção de um espaço migratório de fronteira”. In: BAENINGER, R.; CANALES, A. (orgs.) **Migrações Fronteiriças**. Campinas, SP, Núcleo de Estudos da População “Elza Berquó” – NEPO/UNICAMP, 2018, pp.512-528.

PESSAR, P. R. “Women, Gender and International Migration Across and Beyond Americas: inequalities and limited empowerment. In: **Expert Group Meeting on International Migration and Development in Latin America and Caribbean**. Population Division, Department of Economic and Social Affairs, United Nations Secretariat. Mexico City, 2005, pp. 01-26.

PISELLI, F. “Mulheres migrantes: uma abordagem a partir das teorias das redes”. Trad.de Ângela Maria Moreira. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 1998, número 50, pp. 103-119.

QUIROZ, Y. S. “Vulnerabilidad: un concepto para pensar las migraciones internacionales”. In: TELLES, M. E.; PIÑEIRO, R. C. **Migraciones Internacionales: Crisis y Vulnerabilidades**. Tijuana, México, El Colegio de La Frontera Norte, 2014, pp. 385-416.

REYSOO, F. **Féminisation de la migration**. In : Paris, Genre, nouvelle division internationale du travail, pp. 16-27.

ROOSTA, M. “Feminización de la Migración”. In: ROOSTA, M. (org.) **Población y Desarrollo. Bolívia: y los fenómenos de la migración internacional**. La Paz, Universidad Mayor de San Andrés, Organización Mundial de la Salud, 2005, pp. 147-186.

SABATEL, V. O. **Relações entre Comunidades Rurais na Fronteira Brasil-Bolívia**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2013.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, razão e Emoção**. 4ª edição. São Paulo, Edusp, 2006.

SAYAD, A. **A Imigração. Os paradoxos da alteridade**. Trad. de Cristina Murachco. São Paulo, Edusp, 1998.

SASKIA, S. **Territory, authority, rights: from medieval to global assemblages**. United Kingdom, Woodstock, Oxfordshire, Princeton University Press, 2006.

SEMIÃO, A. “A Reestruturação do Trabalho Doméstico Remunerado e suas Implicações”. In: COSTA, A. A.; OLIVEIRA, E. M.; LIMA, M. E. B.; SOARES, V. (orgs.) **Reconfiguração das Relações de Gênero no Trabalho**. São Paulo, CUT Brasil, 2004, pp. 139-142.

SOARES, Weber. “Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional”. In: **R. Bras. Est. Pop.**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 101-116, jan./jun. 2004

SOUCHAUD, S.; CARMO, R. L.; FUSCO, W. Mobilidade Populacional e Migração no Mercosul: A fronteira do Brasil com Bolívia e Paraguai. In: **Teoria e Pesquisa**. Vol. 16, n. 01, 2007, pp. 39-60.

SILVA, G. J. **A Presença Kamba-Chiquitano na Fronteira Brasil-Bolívia (1938-1987): identidade, migrações e práticas culturais**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás. 2009.

SILVA, S. G. **Bolivianos e brasileiros em Corumbá, MS: preconceitos e cooperação mútuos**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Relatório de Pesquisa, 2004.

SOUZA, J. C.; OLIVEIRA, M. A. M. **Implicações Fronteiriças nas Práticas Comerciais e Sociais de Comerciantes Lojistas de Roupas em Corumbá-MS**. Relatório Final de PIBIC, UFMS, 2014.

TÉLLEZ, Maria Eugênia A. “Introducción: Migrar en tiempos adversos. Control de fronteras, crisis económica y vulnerabilidade humana”. In: TÉLLEZ, Maria Eugênia A.; PIÑEIRO, Rodolfo C. (Coords). **Migraciones internacionales, crisis e vulnerabilidades: perspectivas comparadas**. Tijuana: El Colegio de la Frontera Norte, 2014.

TILLY, C. “Transplanted Networks”. In: YANS-Mc LAUGHLIN (ed.), **Virginia, Immigration Reconsidered**, NY, Oxford, Oxford University Press, 1990, pp.79-95.

TRUZZI, O. “Redes em Processos Migratórios”. In: **Tempo Social** v. 20, n. 01, 2008, pp. 199-218.

UNITED NATIONS. **Global Compact for Safe, Orderly and Regular Migration**. Marrakesh, 2018.

VINUTO, Juliana. “A amostragem de bola de neve em pesquisa qualitativa: um debate aberto”. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, 2014, p. 203-220.

YAMAMOTO, L.; SILVA, J. C. J. “A Migração Ambiental Transfronteiriça na América do Sul”. In: **Migrações Fronteiriças**. Campinas, SP, Núcleo de Estudos da População “Elza Berquó” – NEPO/UNICAMP, 2018, pp. 281-290.

ANEXOS

ATA 01/COMAIRA/2018

01ª REUNIAO ORDINÁRIA

Ao décimo segundo dia do mês de abril do ano de dois mil e dezoito às quatorze horas, na Casa dos Conselhos, município de Corumbá/MS, aconteceu à primeira reunião ordinária do Comitê Municipal de Atenção aos Imigrantes, Refugiados e Apátridas. Estiveram presentes os membros nomeados por meio do Decreto nº 1.950 de 16 de março de 2018 que ao final assinam a presente ata. A **Presidente Sra. Adelma Maria Pinto Galeano** verificou o quórum dando início à reunião, e explanou sobre a importância do referido comitê, para discussões concernentes à temática da migração, uma vez que os números estão exorbitantes e impactam diretamente nas políticas públicas municipais. O exemplo utilizado pela **Presidente Adelma Galeano** foi a entrada, em um único dia, de quarenta (40) haitianos, todos irregulares no que tange a documentação e que buscaram acolhimento na Casa de Passagem – “Albergue da Fraternidade”, sendo informado que permaneceram no referido equipamento público, um total de vinte, sendo este a capacidade local e os demais, receberam alimentação, tiveram a oportunidade de se higienizar, mas buscaram outras alternativas para o pernoite. Nesse momento fez uso da palavra o **Dr. José Carlos dos Santos**, representante da **OAB**, que explana a preocupação pertinente à convivência dos agentes públicos boliviano, com a questão dos atravessadores (coiotes) e com essa entrada irregular, concluindo sua fala com os seguintes questionamentos para a plenária, o que fazer? Utilizar-se da imprensa para alertar os fatos? Na sequência o **Prof. Dr. Marco Aurélio Machado de Oliveira** representante da **UFMS** fez uso da palavra sobre o “gargalo” que é o acolhimento de imigrantes em nosso município. Iniciando na Casa de Passagem – “Albergue da Fraternidade”, que atende outras demandas sociais, além disso, o mesmo conduz a plenária a uma reflexão sobre a necessidade do poder público pensar e planejar sobre a implantação de um local específico para o imigrante e refugiado, nos moldes das Casas de Imigrantes, devido esse alto número nos últimos anos, em especial no ano corrente, em decorrência da entrada dos imigrantes de nacionalidade haitiana. Finalizando sua fala, o **Prof. Marco Aurélio de Oliveira** explana sobre a importância dos membros deste comitê, terem maior conexão com a temática da imigração, conhecendo, por exemplo: a nova lei da imigração e a aprovação do decreto que trata sobre os vistos humanitários. Após essas considerações, a **Presidente Adelma Galeano**, inicia a pauta, informando que o **COMAIRA** precisa constituir a Mesa Diretora, delegando a plenária presente, à indicação de nome para compor a vice presidência o integrante, **Prof. Dr. Marco Aurélio**

Machado de Oliveira que por aclamação foi aceito, gerando a **DELIBERAÇÃO 01/COMAIRA/2018 – 12 de Abril 2018** que dispõe sobre a Composição da Mesa Diretora do Comitê Municipal de Atenção aos Imigrantes, Refugiados e Apátridas de Corumbá/MS para o Biênio 2018-2020. Na sequência a definição do calendário de reuniões ordinárias. Após breves considerações gerais, deliberou-se que as reuniões mensais acontecerão sempre na primeira quarta-feira de cada mês, às nove horas e trinta minutos, nesta casa dos conselhos conforme **DELIBERAÇÃO 02/COMAIRA/2018 – 12 de Abril 2018** que dispõe sobre o Calendário de Reuniões Ordinárias do Comitê Municipal de Atenção aos Imigrantes, Refugiados e Apátridas de Corumbá/MS para o Ano de 2018, de acordo com a tabela abaixo:

Dia - Mês	Dia - Mês	Dia - Mês	Dia - Mês
09 de Maio	06 de Junho	04 de Julho	01 de Agosto
05 de Setembro	03 de Outubro	07 de Novembro	05 de Dezembro

Dando continuidade à pauta a plenária refletiu sobre a constituição ou não, de comissões permanentes e/ou grupos de trabalho, e após alguns esclarecimentos, optou-se por composição de Comissões Permanentes sendo as seguintes: **Comissão de Normas e Registros** formada pelos seguintes membros: Jaime Simão Almaraz Guerreiro Junior e Manah Kaed Ybayrat; **Comissão de Políticas Públicas**: Marco Aurélio Machado de Oliveira, Olívio Braga e João Hellensberger Filho; **Comissão de Formação Continuada**: Jane Contu e Adelma Maria Pinto Galeano e **Comissão de Comunicação**: Saha Saha Husein e Estefânia de Moraes Gonçalves. Na sequência é compartilhado com todos os membros o convite que o **COMAIRA** recebeu para participar do **II Colóquio Desafios e Perspectivas das Migrações Hoje**, no dia 23 de maio de 2018 na cidade de Campo Grande/MS, após considerações da plenária, **deliberou-se** que os representantes deste comitê serão: a **Presidente Sra. Adelma Maria Pinto Galeano** e o **Vice Presidente Prof. Dr. Marco Aurélio Machado de Oliveira**. Finalizando a reunião a **Presidente Adelma Galeano** explana sobre a missão deste comitê na construção e implantação do Plano Municipal de Atenção ao Imigrante, Refugiado e Apátrida. Em tempo deliberou-se sobre a pauta da próxima reunião ordinária com tema único, que será: apreciação do Regimento Interno, proposto por Prof. Marco Aurélio de Oliveira. Nada mais havendo a tratar, a **Presidente Adelma Galeano** encerrou a reunião e eu Renata Miceno Papa lavrei esta ata.

ATA 06/COMAIRA/2018

06ª REUNIAO ORDINÁRIA

Aos quinto dias do mês de setembro do ano de dois mil e dezoito, às nove horas com trinta minutos, na Casa dos Conselhos, município de Corumbá/MS, aconteceu à sexta reunião ordinária do Comitê Municipal de Atenção aos Imigrantes, Refugiados e Apátridas. Estiveram presentes os membros que ao final assinam a presente ata. A **Presidente Sra. Adelma Galeano** verificou o quórum dando início à reunião, agradecendo a presença de todos, e passa a palavra ao **Professor Marco Aurélio Machado de Oliveira – UFMS**, o mesmo inicia sua fala, esclarecendo a todos os membros do colegiado, fatos de quando a municipalidade vivenciou situações extremas com a população imigrante haitiana, que **não** fora exigido da gestão municipal a implantação de qualquer novo equipamento público municipal de acolhimento, mais sim a necessidade da criação de sistema de informação, com dados sobre imigrantes do tipo: onde estão? Quem são? Precisam de que? O referido sistema será *lócus* da centralização de dados, com conexão imediata que trará à gestão e ao COMAIRA, o monitoramento dos fluxos. Isso posto foi reforçado a não obrigatoriedade de implantação de qualquer equipamento público demandante de novos cargos, espaço físico e demais ônus administrativos. A **presidente Adelma Galeano** informa ser vontade da gestão municipal a criação de local que deverá ser a referência de atendimento e acolhimento aos imigrantes no município, pois o Centro POP tem atribuição específica com a população em situação de rua, uma vez que se iniciou o atendimento de imigrantes no referido equipamento o foco foi modificado em decorrência do intenso quantitativo de pessoas. Retoma a palavra o **professor Marco Aurélio de Oliveira**, o mesmo fez uma análise da inexistência de Comitês como o COMAIRA em cidades fronteiriças no país, algumas cidades metropolitanas possuem como: São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre no Brasil e Buenos Aires, Montevidéu e Santiago, isso exposto, refletimos e atentamos aos gigantes e desafiadores problemas a pensar, pois com a construção do Plano Municipal este oferecerá direcionamentos e estratégias no tocante às políticas públicas. Nesse momento é iniciada a leitura da proposta da Ementa do Plano Municipal de Acolhimento, Atendimento e Encaminhamento do Imigrante, Refugiado e Apátrida em Corumbá, foi salientado que a partir da ementa ora apresentada, que o referido plano será norteado. O mesmo composto por três pilares principais, sendo: 1º Ações Emergenciais; 2º Ações Permanentes e 3º Parceiros Estratégicos. O primeiro pilar aborda formas como a municipalidade enfrentará

situações de riscos eminentes, ou de fato, caracterizando-o de acordo com as situações de vulnerabilidades dos públicos-alvo, rupturas de coesões sociais e enfraquecimentos de redes solidárias de acolhimento. Será atribuída à SMAS a função de coordenar as ações que deverão incluir: definição de local de abrigo, quando o fluxo de imigrantes, refugiados e/ou apátridas estiver enquadrada nas condições acima. O segundo pilar, refere-se às ações permanentes, sendo a priori, definido como local de referência o Centro POP – Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua, este equipamento é o responsável em realizar a acolhida, atendimento e encaminhamento do público alvo deste plano municipal. Terá a atribuição de coordenar as captações de informações, incluindo geração de dados, fomentar e consolidar as conectividades entre os órgãos que atuam diretamente com essa população, criar sistema de monitoramento de volume de fluxo de migrantes na cidade e determinar níveis de alerta quando da ocorrência de fluxos intensos de correntes migratórias. Por fim, o terceiro pilar tratará sobre os parceiros estratégicos, priorizando articulações institucionais, visando dar efetividade nas ações propostas quando da conclusão do plano; possuirá equipe técnica com vistas à captação de recursos e criará agenda de formação permanente para os agentes públicos/privados. Concluindo a leitura da ementa, algumas dúvidas foram sanadas, surgindo a proposta de uma “chancela” para tanto sugere-se a realização de **“Reunião Pública”** promovida por este COMAIRA. A **presidente Adelma Galeano** retoma palavra informando que a secretaria de assistência social já solicitou à secretaria de obras levantamento e planta do local onde funcionava a Casa de Acolhimento Institucional de adolescentes, atualmente o prédio encontra-se deteriorado por estar fechado há alguns anos, entretanto reformado e em condições adequadas o mesmo será transformado em referência no atendimento, acolhimento e encaminhamentos de imigrantes, com equipe técnica adequada e preparada para atender todas as demandas. Na sequência **Dr. José Carlos dos Santos – OAB** faz uso da palavra dizendo sobre questões relativas aos altos valores cobrados pela única empresa de transporte de passageiro intermunicipal, sendo o trajeto Corumbá – Campo Grande considerado o quilômetro mais caro do país, em decorrência desses valores, existem diversas situações em que imigrantes haitianos permanecerem mais tempo que o necessário, enfrentando situações de vulnerabilidades e até de riscos. Novamente a **presidente Adelma Galeano** retoma a palavra reforçando que as equipes técnicas do Centro Pop diariamente estão acompanhando e monitorando o fluxo de imigrantes que entram no município, em seguida a presidente retoma as deliberações deste colegiado, sendo: **1ª Reunião Pública do Comitê que acontecerá no dia 23/10/2018 às 14h30min na Casa dos Conselhos** e o envio **de ofício** para empresa Andorinha a fim de buscar alternativas viáveis no atendimento de imigrantes haitianos em situações de vulnerabilidades. Outra deliberação é o encaminhamento de ofício para a Polícia Federal e, agendamento de reunião com o Delegado Dr. Yuri Oliveira responsável pelo setor de imigração, com intuito de estabelecimentos de fluxos de informações entre órgãos e

este Comitê. Nesse momento o **Professor Marco Aurélio de Oliveira** reforça a importância de traçar fluxos de atendimentos com níveis de alerta apresentando de forma comparativa o modelo do P.S (saúde) com cores em vermelho, amarelo e azul, outro ponto abordado tratou sobre o mapeamento da rede e o quantitativo, em vagas, para imigrantes nos equipamentos públicos, na sequência solicita a presidente que a mesma verifique junto à prefeitura municipal a proposta de um sistema que será utilizado para mapeamento das informações, com perguntas como: alimentação, logística, vagas, etc. Retoma a palavra a **presidente Adelma Galeano** que a SMAS estuda a possibilidade de aquisição de beliches que deverá ser utilizado na Casa de Passagem até a reforma da casa (Casa do Imigrante) ser concretizada, a intenção é dobrar o número de vagas no Albergue para atender os momentos de intensos fluxos migratórios, sendo utilizadas as camas de “cima” apenas quando o alerta vermelho for acionado. Ao final o **Professor Marco Aurélio de Oliveira**, ressalta que no regimento interno deste comitê consta ser uma das atribuições à qualificação/capacitação de agentes públicos locais, e diante disso propõem a apresentação de proposta para capacitação dos funcionários do Albergue da Fraternidade e Centro Pop devendo o mesmo ocorrer em sessenta dias. Nada mais havendo a tratar, **a Presidente Adelma Galeano** encerrou a reunião e eu Renata Miceno Papa lavei esta ata.

26/07/2018

**** *suj_1 *pend

1ª entrevistada: A.S de 38, comerciante boliviana pendular residente em Puerto Quijarro-BO e trabalhando em comércio em Corumbá-MS. Nascida em La Paz, começou a trabalhar com o comércio através de sua mãe, que já vivia na fronteira em Corumbá e que possuía comércio na área central da cidade. Sem precisar a data, contou que veio trabalhar inicialmente em parceria com ela, e que no início de 2018 abriu seu próprio estabelecimento comercial, composto por produtos de higiene, limpeza, brinquedos e alimentos não perecíveis como leite em pó, erva mate, arroz e outros.

De acordo com a entrevistada, sua trajetória comercial é recente como negócio próprio, sempre trabalhou com a mãe, adquiriu experiência de negócio. Casou-se com boliviano também de La Paz e tem uma filha de 2 anos e meio. Exerce o cuidado com a família e o estabelecimento de maneira conjunta, tendo que muitas vezes deixar de atender clientes para atender a filha pequena, que fica o tempo que o comércio está aberto junto a mãe, aprendendo a organizar mercadorias enquanto brinca. Enquanto realizamos a entrevista, A. S. cuidava da higiene da filha, trocando sua fralda e a distraíndo com produtos do comércio. Contou que seu esposo também auxilia no comércio, atendendo e organizando mercadorias.

A dificuldade encontrada pela comerciante é a adaptação que tem que ser feita aos brasileiros de forma recorrente. Conta que inicialmente encontrou dificuldades com a língua portuguesa, inclusive quanto a adquirir vocabulário, mas que hoje o faz com facilidade. Contou que hoje sabe lidar com a diferença de hábitos culturais e sociais. O maior apoio que teve foi da mãe, para seu estabelecimento naquela localidade. Inclusive emprestando dinheiro necessário para o aluguel antecipado que o proprietário do local exigia.

A respeito de sua percepção sobre a fronteira em que vive, afirmou que consegue sustentar a si e sua família sem deixar sua cidade boliviana. Pensa que morar na fronteira é muito positivo, o contato com as duas culturas e oportunidades que o Brasil fornece. Pretende crescer neste ramo e nesta localidade da cidade. Outra fala pertinente da entrevistada esta ligada a não obrigação de prestar satisfações a chefes: “não tenho patrão, sou a própria patroa”. Como sua conexão com o local de atuação é relativamente recente, afirma manter poucos contatos com a vizinhança, mas continua mantendo, através de aplicativo whatsapp, fortes vínculos de contatos comerciais, inclusive com orientações de sua mãe sobre autoridades e formas de lidar com clientela.

**** *suj_2 *imi

2ª entrevista: F. V, de 26 anos, comerciante boliviana nascida em Puerto Quijarro, vive no Brasil há 25 anos. Mudou-se para a cidade brasileira com sua mãe, também comerciante boliviana e estabeleceu-se na área central. Formou-se em enfermagem e atuou em postos de saúde, pronto socorro municipal e clínicas particulares. Mas ressaltou que esta mais voltada para a área comercial atualmente, pois é o que mais gosta de fazer.

Desde criança ajuda os pais no comércio, inicialmente nas feiras livres e depois como ambulantes, até a abertura do negócio próprio, local alugado no bairro popular nova. Naquele espaço adquiriu

experiência comercial, bem como meios para inserção no comércio local, que incluem: informações de procedimentos legais e recursos financeiros. Posteriormente casou-se com brasileiro que reside em Corumbá e adquiriu a dupla nacionalidade. Esse aspecto documental foi facilitador, segundo ela, para abrir seu próprio local de trabalho, onde fica a maior parte do dia em que não está exercendo a outra profissão. Adquiriu imóvel próprio e estabeleceu seu negócio com ênfase em moda, roupas e acessórios.

Ela enfatizou que seus pais são os maiores facilitadores para seu estabelecimento comercial. Isso através de dicas e orientações advindas de experiência de 16 anos no comércio naquela cidade. Toda sua família está envolvida neste ramo, incluindo o marido e os filhos.

Com relação à sua percepção sobre a fronteira em que vive, enfatizou a facilidade em criar vínculos aqui, sobre o acolhimento que o brasileiro dá aos estrangeiros. Apesar da pouca experiência de vida na Bolívia ela vê seus patrícios muito bem recebidos aqui, que ela firma ser um local de oportunidades para quem quer crescer.

Conta que a maior dificuldade em estabelecer-se no comércio em Corumbá é a burocracia, diz que é muito difícil abrir um negócio, adquirir o MEI e outros documentos necessários. Afirmo “parece que não há boa vontade” em ajudar o novo comerciante e pequenos empresários. Na sua percepção é mais fácil e vantajoso ter comércio ilegal, pois não paga imposto e não passa pela burocracia necessária, mas ela prefere passar por tudo e fica tranquila com suas atividades. Esclarece que a concorrência com esses comerciantes “ilegais” é um elemento de dificuldades das vendas. “Tive que colocar a loja a preço único, de 16 reais, porque eles vendem nesse valor e ainda não pagam imposto, pra gente fica muito pesado, não vendo com lucro, comparado ao preço que eu pago por elas, se não fizer assim, não tem como me manter”.

Outra dificuldade está ligada às suas origens. Apesar de ter sido criada no Brasil, conta que qualquer empecilho com o cliente brasileiro, ou nas relações de vizinhança, segundo ela, por conta de suas características físicas, o primeiro ponto que chega até si é a nacionalidade. Aponta que muitas vezes quando nega “fiado” ou qualquer outro problema com clientes é chamada de “essa boliviana”, “quem essa boliviana pensa que é”, em tom de superioridade.

Apesar dos problemas inerentes que ela apontou à vivência fronteiriça, destacou que há mais pontos positivos que negativos, que seus vínculos na cidade vão além do comercial, estabeleceu amizades, casou-se, possui diversos contatos e sociabilidades nesta fronteira. Que através de aplicativos como whatsapp forma grupos de vendas e contatos comerciais. Faz uso de redes sociais para divulgação do seu comércio, como o Facebook. E por fim clientes que se tornam amigos pelo contato extracomercial, onde, de forma muito restrita vende a prazo, acordando pagamentos. Enfatiza que observa quando é vantajoso para ambos estas relações comerciais, que são feitas de forma muito cautelosa e a longo prazo.

**** *suj_3 *imi

3ª entrevistada: R. M, de 61 anos. Nascida na Bolívia, sua família de origem, por dificuldades financeiras, pediu a outra família que a criasse. Posteriormente, seus pais de criação faleceram e ela veio morar na fronteira em Corumbá-MS, com sua família biológica. Naquela cidade, se casou com brasileiro e começou sua vida comercial.

Iniciou como ambulante, vendendo suco e pão de queijo no terminal de ônibus, as vendas estavam “fracas” e ela foi vender lingerie na feira livre, onde trabalhou por muito tempo até conseguir juntar dinheiro para abrir um salão de beleza, no bairro Popular Nova. Por algum tempo estudou no curso de capacitação para cabeleireiros oferecido na cidade. Contou que inicialmente teve ajuda de vereador local, pelo qual foi contratada para cortar cabelos em troca de apoio eleitoral. Posteriormente, iniciou sua atividade fixa como cabeleireira, ensinando o ofício ao marido e tendo os 3 filhos como ajudantes na limpeza e na manutenção do estabelecimento.

Com o crescimento de suas atividades, e a consequente estabilidade, inseriu outro ramo ao negócio, que foi o comércio de roupas, acessórios e produtos de beleza, num estabelecimento próximo e também alugado. Ali seus filhos, já maiores de idade, também ajudavam nas vendas. Seu estabelecimento cresceu e então a família comprou dois terrenos no mesmo bairro, onde está sendo construído um novo salão e loja comercial, agora próprios. Conta que foi uma vitória fruto de anos de trabalho.

A comerciante disse que foi muito difícil começar e que ninguém a ajudou nos negócios, foi aprendendo sozinha junto ao marido e filhos este ofício, unindo a carreira ao trabalho doméstico e família. Comentou que Aprendeu a lidar com preconceitos e discriminações. E que hoje se orgulha por todos estarem “encaminhados” como fruto do seu trabalho.

Suas duas maiores dificuldades foram, inicialmente o idioma, pois quando veio morar em Corumbá-MS, não dominava o português e as pessoas não facilitavam para sua compreensão, mas que com o tempo dominou a língua e as coisas ficaram mais fáceis. Conta que, posteriormente, a burocracia estatal foi um enorme empecilho para regularização da situação comercial na cidade: “é muito difícil conseguir documento para funcionar a loja, o que é muito ruim pro Brasil mesmo, porque tem gente que não paga imposto e só leva dinheiro daqui, não coloca nada”.

Sua família está ligada diretamente as atividades comerciais, seus 3 filhos atendem na loja quando podem. Seu esposo toma conta do salão e ela atende seus clientes com hora marcada.

4ª entrevistada 08/02/2019

S.M. 57 anos, nasceu em Santa Cruz de La Sierra, seu pai boliviano e sua mãe argentina. Trabalhava com salgados para vender com seus pais, com condições muito precárias para sobrevivência. Após o falecimento deles, veio morar no Brasil, em Corumbá-MS, aos 18 anos. Se casou com brasileiro e teve dois filhos homens, um atualmente é professor de Matemática em escola da rede municipal. O mais novo se formou recentemente em Psicologia em Campo Grande-MS.

Vive no Brasil a mais de 30 anos, seu esposo a abandonou quando as crianças ainda eram pequenas, teve apoio dos vizinhos do bairro. Sobrevivendo da venda de salgados e segundo ela, de muita coragem. Casou-se novamente, a família do seu atual esposo também trabalhava com salgados, fizeram parceria, alugando um espaço para venda de produtos no próprio bairro, onde, posteriormente, conseguiu comprar sua casa atual, abrindo seu próprio espaço para vendas e encomendas. Os filhos cresceram e sempre estiveram presentes na padaria, anotando pedidos e atendendo a clientela.

A fronteira veio como um novo desafio e uma possibilidade de crescimento. Embora tenha muitos desafios e preconceitos, ela cita a burocracia que impede o crescimento de muita gente. Como ponto

positivo a grande parceria da vizinhança com a criação de seus filhos, a clientela do popular nova e a recepção do brasileiro. Citando-os como sua própria família.

5ª entrevistada

G.R, de 53 anos, nasceu em La Paz. Seus pais tinham poucas condições financeiras, perdeu a mãe cedo e foi criada pela irmã mais velha, dentre 4 irmãos. Trabalhou por muito tempo como garçom e tornou-se muito conhecida por todos. Foi secretária do vice cônsul da Bolívia. Recebeu convite para vir trabalhar no Brasil, como era para ganhar em dólar, aceitou. Era para ficar somente por um ano, mas está aqui no Brasil há mais de 35. No primeiro mês de trabalho foi tranquilo, muita novidade, língua e cultura. Passado a euforia, veio a saudade da terra, dos irmãos e de sua língua. O contrato era de apenas um ano, mas foi prorrogado por mais um ano. Neste, ela conheceu seu esposo, namorou por alguns meses e se casou. Engravidou do seu primeiro filho.

Nunca mais trabalhou fora de casa, tomando conta somente da criança. Em 1992 seu esposo faleceu, deixando um bom dinheiro e pensão para que ela criasse o filho. Alguns anos depois teve outro namorado, teve com ele um relacionamento curto, mas ficou grávida e não sabia. Após ser rejeitada, decidiu criar as crianças sozinha. Sempre contando com apoio da vizinhança e de amigas, pelas quais ela tem muita gratidão. Mora na popular nova há mais ou menos 30 anos, mas trabalha fora de casa, como doméstica, babá e cuidadora de idosos há mais ou menos 10 anos. Isso porque perdeu a pensão que o seu esposo deixou, não conseguindo regularizar sua situação, começou também com a venda de gelatinhas, gelo e figo. Frutas que cultiva no quintal de casa, fazendo compotas de doces por encomenda. Seus filhos, hoje com suas famílias formadas são quem a ajuda nas contas de casa.

A burocracia a fez perder muitos direitos, disse que não há gente para ajudar com documentos, tudo. É muito caro trazer documento da Bolívia. Desistiu da pensão.

A vinda a fronteira, que seria mais uma aventura, tomou espaço da vida toda, 35 anos de Corumbá, 30 de popular nova, fizeram vencer muitos desafios. O bom relacionamento com os vizinhos foi fundamental. A participação na igreja e a ajuda de lá também foi muito grande e importante.

6ª entrevistada

N.G 34 anos, nascida em Sucre, Bol. Veio com o esposo trabalhar na fronteira, chegou aqui através da prima, que tinha espaço de venda de produtos para o comércio. Aluga local onde vende bebidas, roupas em pequena quantidade, ração e tereré, seu esposo é responsável por trazer a mercadoria da Bolívia, uma vez por mês, às vezes duas, quando as vendas ficam boas ou perto das festas brasileiras.

Possui dois filhos que ficam com ela a maior parte do tempo quando não estão na escola, estudam no período da tarde, eles ajudam a manter o ambiente organizado e às vezes atendem. Toda a família é envolvida na atividade comercial, seu marido ajuda no que pode, mas o trabalho maior é ela quem faz, cuida do comércio e atende, além de cuidar das crianças e da casa, fica mais difícil quando seu esposo viaja para buscar mercadoria, porque ela tem medo de ficar sozinha, é perigoso, tem medo de assalto.

A vizinhança se protege também, um cuida do outro, ajuda com as crianças, mais as mulheres, possui boa relação com os brasileiros, tem amigos nos dois lugares, Brasil e Bolívia, considera aqui no Brasil sua segunda_casa. Disse que tem um pouco de medo da burocracia no Brasil, porque apesar de estar regularizada, muitos amigos e conhecidos estão sendo deportados do país, pois estão irregulares. Disse que é muito bom viver na fronteira, tem qualidade, eu gosto muito, não iria embora.

7ª entrevistada

D. J. 63 anos. Nascida em Santa Cruz, veio criança com os pais trabalhar na fronteira, no começo na feira livre, depois seus pais faleceram e ela começou a trabalhar como ambulante, depois de quase vinte anos comprou um espaço onde funcionava uma sapataria, que era do amigo do esposo, se casou e abriu seu próprio negócio no bairro Popular Nova. Vende bebidas, alimentos, variedades em doces. Seu esposo também ajuda a manter o negócio atendendo junto e comprando mercadoria na fronteira. Não possui filhos, porque não poder ter. Sua família mora na Bolívia e quase não tem contato com primos e outros familiares. Disse que é muito bom morar na fronteira, dá pra viver bem.

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

- 1) Local de nascimento
- 2) Motivos para migração
- 3) Percurso migratório
- 4) Motivos de escolha da fronteira em estudo para a migração
- 5) Tempo em que vive na fronteira em estudo
- 6) Atividades que desenvolve
- 7) Composição familiar
- 8) Principais dificuldades encontradas na fronteira em estudo
- 9) Relações com a vizinhança
- 10) Percepções sobre o espaço em que atua
- 11) Percepções sobre a fronteira em estudo